Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Artes – IdA

Departamento de Música

Percepção de alunos sobre aulas online de Piano Popular

Brasília, agosto de 2021

DOUGLAS DE OLIVEIRA SILVA

Percepção de alunos sobre aulas online de Piano Popular

Trabalho de conclusão de curso submetido como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Música da Universidade de Brasília.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Isabel Montandon

Brasília, agosto de 2021

Universidade de Brasília

ATA DE DEFESA DE TCC

DOUGLAS DE OLIVEIRA SILVA, matrícula 160118131.

"Percepção de alunos sobre aulas online de Piano Popular."

Trabalho de Conclusão de Curso defendido no Departamento de Música, Instituto de Artes, Universidade de Brasília, em sala virtual no Teams, no dia 26 de agosto de 2021 como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em música sob a orientação **da Profª. Maria Isabel Montanton** e banca examinadora composta pela profa. **Francine Kemmer Cernev** e prof. **Renato de Vasconcellos,** segundo o ato 36 do dia 30 de agosto de 2021 que nomeou a banca de avaliação.

Documento assinado eletronicamente por **Francine Kemmer Cernev**, **Professor(a) de Magistério Superior do Departamento de Música do Instituto de Artes**, em 19/10/2021, às 14:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.

Documento assinado eletronicamente por **Maria Isabel Montandon**, **Professor(a) de Magistério Superior do Departamento de Música do Instituto de Artes**, em 19/10/2021, às 20:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.

Documento assinado eletronicamente por **Renato de Vasconcellos**, **Professor(a) de Magistério Superior do Departamento de Música do Instituto de Artes**, em 21/10/2021, às 12:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unb.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **7097510** e o código CRC **3CEB4BB7**.

AGRADECIMENTOS

À Dra. Maria Isabel Montandon pelos conhecimentos transmitidos ao longo da graduação, pelo empenho na orientação deste trabalho e pelos caminhos sugeridos para a pesquisa em música.

Ao Dr. Renato Vasconcellos e a Dra. Francine Cernev por aceitarem o convite para integrarem a banca de defesa dessa monografia.

Aos estudantes-voluntários que participaram dessa pesquisa com os seus relatos e que contribuíram de forma significativa com esse trabalho.

Aos professores e colegas de curso, que contribuíram com a minha formação nas conversas dentro e fora da Universidade de Brasília.

À minha mãe, Ana Alvina Alves de Oliveira, que sempre me motivou a fazer todas as coisas com afinco e por me apoiar em tudo. Ao meu pai, *in memorian,* Lourival Cosmo da Silva, que me apresentou o universo do rock e da música brasileira nas longas horas de audição dos discos de vinil e do rádio do carro.

À minha esposa, Deyse Araujo Medeiros, que fez a revisão ortográfica e a formatação deste trabalho e que me incentivou a cursar a faculdade de música.

A todos os meus familiares, amigos, alunos, pais de alunos, colegas de trabalho, que sempre acreditaram em mim e sempre me motivaram, direta ou indiretamente, a me aperfeiçoar como músico e professor.

RESUMO

Este trabalho, desenvolvido durante o isolamento social imposto pela pandemia do novo coronavírus (Covid-19), buscou compreender a percepção de alunos sobre aulas online de piano popular. A revisão de literatura inclui pesquisas sobre terminologia do ensino remoto emergencial (SALDANHA, 2020; JUNQUEIRA, 2020; GIORNO e ROSA, 2020; OLIVEIRA-TORRES, 2012; HODGES et al., 2020), histórico da educação a distância (QUINTANA e FERNANDES, 2014; MUGNOL, 2016; PRESSATO, 2020), problemas e potenciais no ensino remoto emergencial (GOHN, 2020; RONDINI et al., 2020; COUTO et al., 2020), histórico do ensino de música online síncrona e assíncrona (VASCONCELLOS, 2017; QUEIROZ, 2020), ensino remoto emergencial de música (MATOS, 2021; LARRUSCAIN e LOURO, 2020; CRUZ e LEITE, 2020; FILHO et al., 2020), percepção de alunos sobre o ensino remoto emergencial (TAVARES, 2020) e percepção de alunos de música sobre o ensino remoto emergencial (SANTIAGO, 2021). A pesquisa empregou metodologia qualitativa (SAKAMOTO e SILVEIRA, 2014), com duas entrevistas estruturadas e uma entrevista semiestruturada (SZYMANSKY, 2000; ROSA e ARNOLDI, 2017). Participaram da pesquisa dois estudantes-voluntários, que fizeram aulas assíncronas de abril a julho de 2020, com os materiais desenvolvidos por mim, sob orientação da Professora Dra. Maria Isabel Montandon, durante a disciplina de Estágio Supervisionado em Música 2, e posteriormente, tiveram aulas online síncronas, entre o período de março a maio de 2021. Os dois estudantes consideram que os formatos síncrono e assíncrono foram importantes em sua aprendizagem. Destacam a importância da qualidade dos materiais produzidos nas aulas online síncronas e nas aulas assíncronas. Um dos alunos considerou que as aulas online trazem a facilidade de estar em casa e não perder tempo de deslocamento que haveria em uma aula presencial. O outro estudante pontuou que preferiria ter aulas assíncronas de instrumento e que as aulas presenciais serviriam apenas para sanar as possíveis dúvidas. É possível concluir com os relatos dos estudantes-voluntários que participaram dessa pesquisa que é possível aprender piano com aulas online e que as aulas online e as aulas presenciais possuem especificidades no momento da aprendizagem, mas que não há um formato que seja melhor que o outro.

Palavras-chave: Educação musical online. Aula de instrumento. Percepção dos estudantes.

ABSTRACT

This work, developed during the social isolation imposed by the new coronavirus pandemic (Covid-19), sought to understand the perception of students about online lessons of popular piano. The literature review includes research on emergency remote teaching terminology (SALDANHA, 2020; JUNQUEIRA, 2020; GIORNO and ROSA, 2020; OLIVEIRA-TORRES, 2012; HODGES et al., 2020), history of distance education (QUINTANA and FERNANDES , 2014; MUGNOL, 2016; PRESSATO, 2020), problems and potentials in emergency remote education (GOHN, 2020; RONDINI et al., 2020; COUTO et al., 2020), history of synchronous and asynchronous online music teaching (VASCONCELLOS , 2017; QUEIROZ, 2020), emergency remote music education (MATOS, 2021; LARRUSCAIN and LOURO, 2020; CRUZ and LEITE, 2020; FILHO et al., 2020), students' perception of emergency remote education (TAVARES, 2020) and perception of music students about emergency remote teaching (SANTIAGO, 2021). The research used a qualitative methodology (SAKAMOTO and SILVEIRA, 2014), with two structured interviews and a semi-structured interview (SZYMANSKY, 2000; ROSA and ARNOLDI, 2017). Two student volunteers participated in the research, who took asynchronous classes from April to July 2020, with the materials developed by me, under the guidance of Professor Dr. Maria Isabel Montandon, during the discipline of Supervised Internship in Music 2, and later, they had synchronous online classes, from March to May 2021. The two students consider that the synchronous and asynchronous formats were important in their learning. They highlight the importance of the quality of materials produced in synchronous online classes and in asynchronous classes. One of the students considered that online classes bring the ease of being at home and not wasting time on commuting that there would be in a face-to-face class. The other student pointed out that he would prefer to have asynchronous instrument lessons and that the face-to-face lessons would only serve to resolve any possible doubts. It is possible to conclude with the reports of the student-volunteers who participated in this research that it is possible to learn piano with online classes and that online classes and in-person classes have specificities at the time of learning, but that there is no format that is better than the other.

***Keywords**: Online music education. Instrument class. Students' perception.*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Posicionamento das mãos para o acorde, exemplo do voicing do acorde de Sol ..11
Figura 2 – Tablatura com a digitação de piano, exemplo do voicing do acorde de Dó 11
Figura 3 – Estrutura das músicas.....13
Figura 4 – Equipamento de gravação de backing track.....14
Figura 5 – *Songbook* produzido pela Editora Lumiar. 26

SUMÁRIO

1. Introdução 8

2. Revisão de literatura 19

2.1. Histórico da Educação a Distância 19

2.2. Marcos legais e uso da sigla EaD 20

2.3. Tipos de EaD – avanço dos cursos online no Brasil 21

2.4. Movimentos mais marcantes de EaD: a Universidade Aberta do Brasil – UAB. 22

2.5. Ensino remoto e ensino remoto emergencial 22

2.6. Problemas e potenciais do ensino remoto 24

2.7. Histórico do ensino de música com materiais assíncronos e síncronos 25

2.7.1. Ensino remoto emergencial de música 27

2.8. Percepção de alunos sobre o ensino remoto emergencial 29

2.8.1. Percepção de alunos de música sobre o ensino remoto emergencial 30

3. Metodologia 32

4. Descrição dos dados 35

4.1. Perfil dos estudantes 35

4.2. Trajetória de aulas (ou de formação no instrumento) 36

4.3. Percepção dos estudantes com relação a aulas online síncronas e aulas assíncronas 36

4.4. Interação com o professor 38

4.5. Materiais 38

5. Conclusão 40

Referências 42

APÊNDICE A – Roteiro das entrevistas estruturadas 45

APÊNDICE B – Roteiro da entrevista semiestruturada 46

APÊNDICE C – Carta de Cessão de Direito 48

1. Introdução

Atuo profissionalmente na música há 15 anos, como músico e professor. Ministro aulas individuais de piano popular e teclado de forma presencial para crianças, jovens e adultos e também aulas online síncronas para brasileiros e estrangeiros que residem fora do Brasil. As aulas ocorrem em encontros semanais e são sempre baseadas no repertório de músicas de sucesso nacional e internacional de gêneros como a música popular brasileira, rock, jazz e blues. Conceitos como análises harmônicas, linhas melódicas, escalas, campo harmônico, modos gregos sempre são aplicados no repertório aprendido semanalmente. Geralmente, os alunos passam por todo o curso, que está estruturado nos seguintes níveis: iniciante (com duração de 6 meses), intermediário (com duração de 1 ano) e avançado (com duração de 1 ano e 6 meses).

A minha formação musical ocorreu de maneira informal na pré-adolescência, com a convivência entre amigos, que me ensinavam alguns acordes, ou tocando em apresentações de bandas da escola. Eu aplicava o que aprendia em instrumentos emprestados. No final da adolescência, fiz algumas aulas particulares com músicos mais experientes e, ao longo dos anos, assim como ocorre com outros músicos de formação popular, fui transcrevendo músicas de ouvido, lendo livros nacionais e internacionais de harmonia, assistindo a videoaulas e tocando profissionalmente na noite, acompanhando cantores ou sendo músico de apoio de bandas que tocavam em bares, *shoppings* e cerimônias. O meu estudo de música formal iniciou-se no primeiro semestre de 2017, no curso de Licenciatura em Música, na Universidade de Brasília – UnB, e o estudo de piano, na disciplina de Piano Popular, ministrada pelo Professor Renato Vasconcellos.

Com o início da pandemia, em meados de março de 2020, houve a suspensão do semestre pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) da Universidade de Brasília (UnB)[1]. À época, eu já me encontrava ao final do curso, terminando várias disciplinas, incluindo o Estágio Supervisionado em Música 2 com a professora Maria Isabel Montandon. Considerando que vários outros colegas da disciplina davam aulas particulares presenciais de instrumento, a professora propôs continuarmos as atividades, desenvolvendo material para o ensino de instrumento online, o que foi acatado pelos colegas, que viam uma oportunidade de continuarem seus trabalhos de forma remota.

[1] O Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) decidiu suspender, durante a vigência do Decreto n. 40.509, publicado em 11 de março pelo Governo do Distrito Federal, as atividades acadêmicas presenciais (aulas, palestras, seminários, eventos similares e as colações de grau) na Universidade de Brasília.

Esse foi um semestre desafiador para mim, para os colegas de curso e para os professores, pois com a interrupção abrupta das aulas regulares presenciais na universidade, o ensino teve de, em poucas semanas, ser repensado de outras formas. Com a extensão dos prazos de isolamento e a incerteza sobre a volta ao ensino presencial, tanto no ensino regular quanto em cursos livres de música e aulas particulares de instrumentos musicais, todos tivemos de nos adaptar e encontrar formas de continuarmos a dar aulas, mesmo considerando os vários desafios e a pouca ou nenhuma experiência dos professores com o ensino de forma remota. Essa situação foi vivenciada por vários professores, como relata Silva Souza (2020):

> O início do isolamento físico decorrente da pandemia aflorou nas pessoas diferentes sentimentos, angústias, medos, mas, sobretudo, a necessidade de agir. Tudo muito incerto. Por experiência pessoal, no dia seguinte ao decreto que suspendia as aulas presenciais em Belo Horizonte, eu estava colocando uma equipe de 11 professores e 96 alunos para funcionar com atendimentos online, no formato de ensino remoto emergencial. A primeira semana foi de noites mal dormidas, de fadiga e cansaço sem medida, de aprender recursos de forma coletiva, porque estávamos todos, uns mais outros menos, despreparados. A mudança veio como imposição para a qual não havia alternativa. Uns se adaptaram, outros não; tanto alunos como professores. (SILVA SOUZA, 2020, p. 4)

Diante dessa realidade surgiram dois desafios de adaptação: 1) ter aulas de estágio supervisionado – que sempre foi presencial – a distância e preparar aulas para os meus alunos da mesma forma, ou seja, aulas remotas; e 2) desenvolver aulas assíncronas (apesar da experiência com aulas síncronas, ainda não havia trabalhado de forma assíncrona). Esse novo contexto, totalmente online, exigiu adaptações para expandir meu conhecimento sobre o uso de novas técnicas de ensino, novas metodologias e novos *softwares* tanto para participar das aulas de estágio quanto para desenvolver as aulas e materiais de apoio aos estudantes.

Todas as quartas-feiras, entre 19h e 21h30, alunos e professora da disciplina encontravam-se para apresentar trabalhos. Organizamos, então, um programa com três grandes ações: 1) análise técnica, pedagógica e musical de videoaulas de música já disponíveis na internet, o que ajudaria na definição de categorias de referência para a elaboração dos projetos individuais; 2) pesquisa de programas e aplicativos para o ensino de música online como recursos tecnológicos à disposição para atender aos objetivos de ensino; 3) apresentação das aulas nos encontros do grupo para análise e troca de conhecimentos e experiências, como referência para reelaboração dos vídeos. Além dos encontros do grupo, tínhamos também orientações individuais com a professora da disciplina.

Antes de partir para a produção dos materiais das aulas assíncronas do Estágio Supervisionado em Música 2, com as análises de videoaulas de instrumento disponibilizadas no YouTube e também de trechos de cursos de piano, pude observar que a produção de

audiovisual das aulas assistidas era de alta qualidade, porém muitos princípios e estratégias pedagógicas aprendidos na Licenciatura em Música não eram aplicados. As aulas acabavam tendo excesso de fala, poucos exemplos aplicados a músicas de sucesso, em função da lei de direitos autorais, e, em muitos casos, um vídeo de 10 minutos de duração tinha informação musical prática de 1 ou 2 minutos. Além disso, outros problemas recorrentes eram ausência de sequência pedagógica, muita informação na mesma aula, falta de clareza nos comandos e dificuldade de priorizar o que é básico.

As análises dos vídeos disponíveis online nos mostrou a necessária correlação entre os critérios técnicos – imagem, som, intenção – e os pedagógico-musicais – o que falar e mostrar, quando, como e por quê. Assim, as análises de videoaulas disponíveis na internet, das nossas próprias aulas em vídeo e os questionamentos e orientações da professora, conjugados a referenciais teóricos já estudados no curso presencial[2] foram as bases para a elaboração de um curso online de piano popular/teclado de forma assíncrona. Uma experiência de diálogo permanente entre a prática pedagógica, geralmente intuitiva – dos outros e nossas – e referências teóricas, buscadas para explicar, justificar, organizar, sistematizar e entender as práticas docentes. Aprendemos, assim, a entender o que são princípios pedagógicos como referências conceituais na elaboração de nossas aulas de instrumento, de forma consciente.

As observações do primeiro vídeo abriram-me os olhos para aspectos não notados anteriormente. Dentre eles, a relação entre o que era tocado e o que era explicado, de forma a manter a coerência do que era proposto nas atividades aos alunos. Em um segundo momento, ficou claro que os materiais de suporte, além da edição dos vídeos, eram de suma importância para que o aluno pudesse entender, de várias formas, vendo e ouvindo, o conhecimento compartilhado. Em videoaulas, os tipos de recursos de materiais utilizados, muitas vezes, substituem a fala, tornando a aula mais leve, objetiva e curta.

O processo de criação das aulas envolvia também a criação do plano de aula, a captação das imagens e a edição dos vídeos, que eram apresentados para a orientadora da disciplina, além da justificativa para cada etapa da aula. Após uma primeira orientação da professora, os vídeos eram novamente editados. Depois dessa etapa, eram apresentados para os colegas do grupo, que faziam as observações e sugeriam alternativas. Assim, havia mais uma edição e só após esse processo o *link* era enviado para os estudantes do curso de piano popular e teclado.

[2] Keith Swanwick, Lucy Green, Murray Schaffer, Viviane Beineke, entre outros.

O uso dos *softwares* também se tornou algo mais do que necessário porque, para a apresentação do conteúdo de maneira clara e atraente, exigiu-se o desenvolvimento de habilidades nos programas de criação de conteúdo musical. Além disso, novas habilidades foram desenvolvidas, como: ângulo de imagem, captação de áudio, iluminação e outras ferramentas que são típicas de desenvolvimento de conteúdo audiovisual. Como ensinar uma música para os alunos de forma assíncrona? Como ensinar a posição de acordes? Como tocar e acompanhar uma música com esses acordes? Um dos princípios é o de utilizar o máximo de recursos pedagógicos possíveis para facilitar a aprendizagem do estudante. Assim, optei por mostrar de diferentes formas, entre elas a fotografia, que auxilia o aluno a saber quais os dedos serão utilizados na digitação do acorde sugerida no vídeo. Um dos exemplos de materiais utilizados para dar suporte à aprendizagem dos estudantes está ilustrado na Figura 1.

Figura 1 – Posicionamento das mãos para o acorde, exemplo do *voicing* do acorde de Sol

Fonte: acervo pessoal

Além das fotografias das mãos, também foi utilizada a tablatura – notação com os números dos dedos e as teclas a serem tocadas –, como recurso para a aprendizagem dos acordes sugeridos nos vídeos, conforme a Figura 2.

Figura 2 – Tablatura com a digitação de piano, exemplo do *voicing* do acorde de Dó

Fonte: acervo pessoal

As aulas de instrumento assíncronas foram divididas por módulos e os conteúdos abordados tiveram como objetivo desenvolver nos estudantes a capacidade de tocar músicas do repertório popular nacional e internacional com duas versões: 1) uma versão com o uso de acordes, em que o aluno faria o acompanhamento rítmico-harmônico da música; 2) uma segunda versão, da mesma música, com o acréscimo de um pequeno arranjo na introdução ou de algum solo simples para incrementar a primeira versão aprendida.

O gênero musical escolhido para iniciar o curso foi o "reggae," por se tratar de um gênero que costuma ter músicas com *ostinato*[3]. As músicas selecionadas para o curso exigiam pouca movimentação da mão esquerda e da mão direita. A música 1 ("Jack Tequila", da banda Skank) possui apenas dois acordes na sua estrutura harmônica (Dó maior e Fá maior) e a música 2 ("Stir It Up", do cantor Bob Marley) possui três acordes (Dó maior, Fá maior e Sol maior), dois dos quais já haviam sido ensinados na música 1 (Dó maior e Fá maior), então para tocar a música 2 o aluno precisaria aprender apenas um novo acorde (Sol maior). A música 3 ("Óculos", da banda Paralamas do Sucesso) tem como gênero musical o "ska", que é derivado do "reggae", e possui quatro acordes (Dó maior, Fá maior, Sol maior e Lá menor), três deles apresentados na música 2 (Dó maior, Fá maior e Sol maior), então para tocar a música 3 o aluno precisaria aprender apenas um novo acorde (Lá menor).

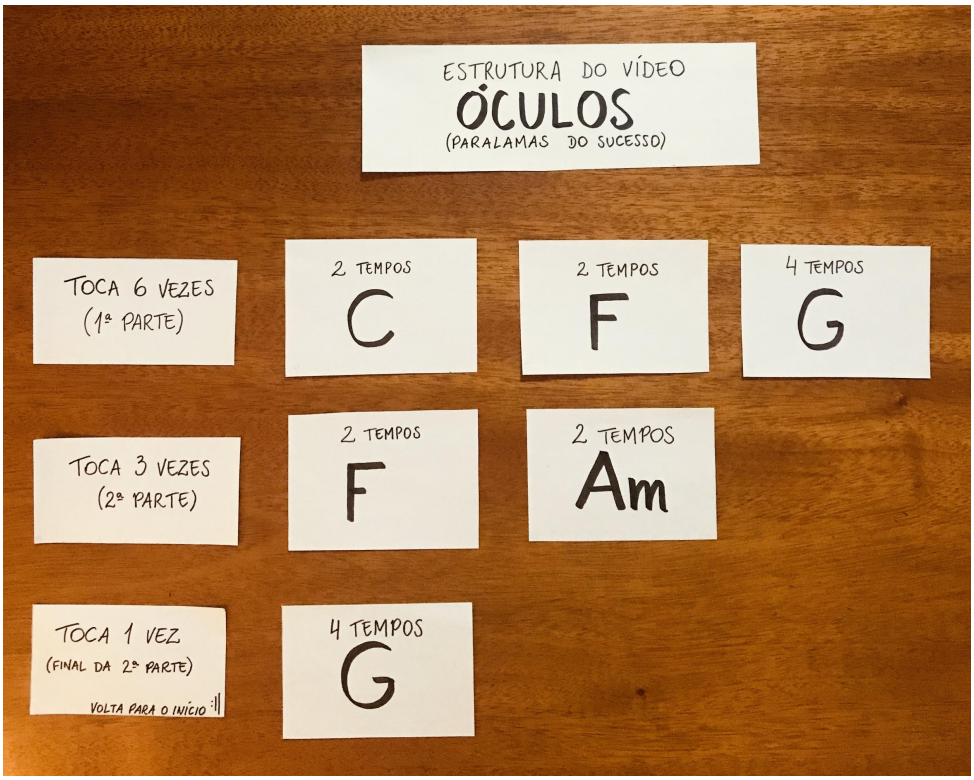
Para as versões incrementadas foram utilizados arranjos que tornaram a música mais elaborada. Na primeira versão aprendida da música 1 e da música 2, o aluno tocava fundamental com a mão esquerda e acorde com a mão direita, já na versão incrementada o aluno passava a tocar as fundamentais e as quintas com a mão esquerda e os *voicings*[4] com a mão direita. Na primeira versão da música 3, o aluno tocava a fundamental com a mão esquerda e o acorde com a mão direita e, na versão incrementada, tocava as fundamentais e as quintas com a mão esquerda e com a mão direita os *voicings* e o solo de marimba, presente na gravação original e transposto para o piano.

Após o estudo do material disponibilizado por *link*, os estudantes enviavam um pequeno vídeo executando a música proposta com a gravação original do artista ou com o *backing track* produzido para o curso, que continha os mesmos padrões do que era ensinado na aula. Assim era possível avaliar o desempenho dos alunos com relação aos conteúdos abordados. A duração média dessas videoaulas era de 3 a 4 minutos e os vídeos eram

[3] *Ostinato* é um padrão rítmico ou melódico que costuma ser repetido em um trecho ou ao longo de uma música.
[4] *Voicings* são formações de acordes estudadas previamente e aplicadas em cadências específicas.

disponibilizados no *YouTube*[5]. Além desse material, foram enviadas por mensagem de *WhatsApp* imagens com diagramas da estrutura das músicas (Figura 3).

Figura 3 – Estrutura das músicas



Fonte: acervo pessoal

Todos os assuntos deveriam estar associados e encadeados de forma que tivessem um porquê e um para quê, priorizando o fazer musical. Para isso, foi importante o professor ter um bom planejamento e objetivos claros do que desejava desenvolver ao longo de todo o curso para que a aula em vídeo tivesse um fio condutor. O uso de diferentes recursos pedagógicos auxiliaria o/a aluno/a a tocar desde a primeira aula, de maneira mais musical. Assim, surgiu a necessidade de criação de *backing tracks* (Figura 4) com arranjos que permitissem incrementar os elementos que o aluno conseguiria produzir para proporcionar a sensação de tocar de forma completa.

[5] Exemplo das aulas propostas no curso: https://www.youtube.com/watch?v=VX5NsC9fuqI&list=PLYihb14VngOlGIso0RnD9amlP7eODJc3w&index=1

Figura 4 – Equipamento de gravação de *backing track*

Fonte: acervo pessoal

Para a elaboração dos materiais das aulas assíncronas foram utilizados os seguintes equipamentos/instrumentos musicais e recursos tecnológicos: piano digital, celular, programa de edição de vídeo, "Inshot"[6], programa de criação de *backing track*, "iReal Pro"[7], programa de gravação de áudio, "Garage Band"[8], caixa de som, *tablet*, áudio da gravação original do disco no "Spotify"[9], tripé de câmera, foto do desenho da relação do número dos dedos das mãos, utilizada para indicar os dedos no piano, fotografia das duas posições de mãos, com o uso de notas adesivas e caneta, e cartões com os acordes e os tempos a serem tocados. Esses foram os recursos pedagógicos possíveis de serem utilizados no momento de isolamento social imposto pela pandemia.

No contexto de suspensão do ensino presencial, em função da pandemia, foi proposto pelo Ministério da Educação[10] e seguido pelas secretarias de educação e universidades o ensino remoto emergencial. Saldanha (2020) aponta para as diferentes terminologias que surgiram para tentar definir ou delimitar as aulas ocorridas durante a pandemia da COVID-19, como educação

[6] Aplicativo de edição de imagem, disponível gratuitamente.
[7] Aplicativo de criação de *backing tracks*, pago.
[8] Aplicativo de gravação de áudio, utilizado na versão gratuita.
[9] Aplicativo de reprodução de músicas em *streaming*, utilizado na versão paga.
[10] Parecer CNE/CP Nº: 5/2020 – Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19.

remota, aulas remotas e ensino remoto. Quanto à escolha da terminologia de ensino, o site da Escola Profissional Maria Ruth Junqueira[11] ressalta que:

> alguns leitores podem discordar do uso do termo "ensino" em detrimento de escolhas como "aprendizado" ou "educação". Em vez de debater todos os detalhes desses conceitos, selecionamos "ensino" por causa de suas definições simples – "ato, prática ou profissão de um professor" [5] e "compartilhamento de conhecimentos e experiências" [6] – juntamente com o fato de que as primeiras tarefas realizadas durante as mudanças de emergência são as de um professor. (JUNQUEIRA, 2020)

A escolha da terminologia de ensino remoto emergencial também foi utilizada para se diferenciar da Educação a Distância – EaD. Arruda (2020 *apud* GIORNO e ROSA, 2020) destaca que "a EaD é comumente utilizada em contextos de normalidade social, supondo pesquisa, planejamento, produção antecipada de material digital, adesão voluntária dos alunos, formação de professores, tutores e gestores". Já o ensino remoto emergencial está mais associado a situações de catástrofes "cuja necessidade de distanciamento social é indesejada pelos diversos atores envolvidos no processo educacional" (GIORNO e ROSA, 2020, p.2).

Dentro do ensino remoto, emergem, pelo menos, duas possibilidades: o síncrono e o assíncrono. Para Oliveira-Torres (2012), o ensino síncrono é caracterizado pela simultaneidade entre os participantes, definição complementada por Giorno e Rosa (2020, p. 3), para os quais "no uso de ferramentas síncronas, há um contato direto entre professor e aluno, por meio de chats ou aulas online, utilizando plataformas de videoconferência, por exemplo". Muitos professores do ensino regular e do ensino de música passaram a usar o ensino online síncrono para dar continuidade às atividades.

Já o ensino assíncrono é aquele que "não acontece simultaneamente, ou seja, o professor disponibiliza o material, uma aula gravada, uma tarefa, um fórum de discussão, em que o aluno pode acessar e participar no horário que desejar" (GIORNO E ROSA, 2020, p. 3). Vale destacar que o ensino assíncrono, dentro da modalidade de ensino remoto, não necessariamente ocorre apenas mediado pelas tecnologias, como observa Saldanha (2020). Nos cursos aqui descritos, utilizei também material impresso enviado aos estudantes para viabilizar o ensino remoto emergencial.

Neste trabalho, será utilizada a terminologia de "aulas online síncronas", definida por Oliveira-Torres (2012) e complementada por Giorno e Rosa (2020), para fazer referência às aulas que acontecem simultaneamente por meio de *chats* ou de plataformas de videoconferência em que o professor e o estudante interagem diretamente, mas não compartilham o mesmo espaço físico. Será utilizada a terminologia "aulas assíncronas", definida por Giorno e Rosa

[11] https://cursos.ruthjunqueira.org.br/2020/08/20/aprendizagem-online/

(2020), para fazer referência às videoaulas ou materiais de ensino em que não ocorre a interação simultânea. O professor poderá disponibilizar materiais, como uma aula gravada ou um material impresso, e o aluno poderá acessar e/ou interagir com essas atividades no horário que desejar.

Se comparados apenas da perspectiva da não utilização do mesmo espaço físico, tanto as aulas online síncronas como as aulas assíncronas são similares, porque o professor e o estudante não compartilham presencialmente do mesmo ambiente. Entretanto, quando comparadas sob a ótica pedagógica, as aulas online síncronas e as aulas assíncronas terão diferenças. Hodges et al. (2020) citam o livro *Learning Online: What Research Tells Us about Whether, When and How*[12], em que são elencados pontos significativos da complexidade do *design* de aulas online, que são tipo de modalidade, ritmo, proporção aluno-professor, pedagogia, papel do professor online, papel do aluno online, sincronia da comunicação online, papel das avaliações online e fonte de *feedback*.

Nas minhas aulas particulares online síncronas, o plano de curso que desenvolvo para os níveis iniciante, intermediário e avançado se estrutura a partir de livros de harmonia, métodos de piano, *songbooks* e dos materiais pedagógicos desenvolvidos exclusivamente para o curso, que são: 1) transcrições de partituras e cifras; 2) *play along* e *backing tracks*; e 3) trechos de vídeos gravados com o resumo geral da aula. Atualmente, esses materiais pedagógicos auxiliam na parte conceitual das músicas e envolvem escalas, campo harmônico, improvisação, servindo de material de apoio para auxiliar os estudantes a complementarem de forma assíncrona o que é abordado na aula online síncrona. A aula online síncrona permite mais interatividade do professor com o estudante e uma maior flexibilização, pois o professor pode observar o ritmo de aprendizagem do estudante e adequar, ao longo das aulas, as atividades musicais a serem propostas.

A experiência na disciplina de estágio supervisionado de elaborar aulas assíncronas foi ainda mais desafiadora, pois a criação de um curso que atendesse diferentes faixas etárias, diferentes perfis e a produção técnica de audiovisual para adequar o conteúdo de forma precisa e objetiva exigiam uma estruturação diferente da experiência adquirida com aulas online síncronas. Gohn (2020) destaca que na produção de cursos de EaD é comum que haja equipes de apoio para auxiliar o professor na produção dos recursos tecnológicos e na manutenção do ambiente virtual, mas para as videoaulas desenvolvidas no estágio supervisionado, além do planejamento pedagógico, seria necessário organizar de maneira autônoma o cenário, a captação de áudio, a edição dos vídeos e fazer o *upload* dos materiais para os alunos acessarem.

---

[12] "Aprendizado online: o que as pesquisas nos dizem sobre o 'se', 'quando' e 'como'" (tradução livre).

As minhas primeiras experiências com aulas assíncronas ocorreram ainda na minha fase inicial de estudo como estudante autodidata com as videoaulas em fitas de vídeo (fitas VHS). Diferentemente das aulas e cursos disponibilizados na internet atualmente, eram fitas físicas que, para serem assistidas, dependiam de um aparelho de videocassete e da televisão para reproduzir a imagem e o som. As aulas que adquiri naquela época eram de pianistas como Wilson Curia e Chick Corea e foram gravadas no final dos anos 1990 e início dos anos 2000. Cada aula tinha a duração média de 1h a 1h30 e trabalhava alguns elementos de técnica, harmonia e repertório. De forma geral, as aulas começavam com informações básicas, como o nome das notas no instrumento, algumas dicas de dedilhados e, em pouco tempo de vídeo, as informações ficavam cada vez mais complexas. Para um estudante iniciante, as informações eram de difícil compreensão, pois a metodologia das videoaulas não permitia um desenvolvimento gradual. Isso porque, no mesmo vídeo que começava a explicar o nome das teclas brancas e pretas do instrumento, em poucos minutos já se trabalhavam progressões complexas da música brasileira ou escalas avançadas do jazz. Para um estudante iniciante as informações ficavam incompreensíveis ou vagas.

Na minha prática como professor de música e de maneira mais específica nas aulas online síncronas, procuro desenvolver aulas particulares de piano popular que tenham recursos que facilitem a aprendizagem e que mantenham a motivação dos estudantes. Por mais que eu procure estratégias que possam desenvolver a aprendizagem dos estudantes nas aulas, algo que sempre tive o interesse de saber é como seria a receptividade deles a respeito dessas aulas online.

Como professor, por mais que eu procure estratégias que possam desenvolver a aprendizagem dos estudantes por meio das aulas online síncronas e das aulas assíncronas, desenvolvidas durante a pandemia, não sei qual tem sido a percepção deles acerca dessas novas formas de aulas de piano. Assim, parti para essa pesquisa com algumas perguntas: Qual a percepção dos alunos em relação às aulas online síncronas e às aulas assíncronas? O que eles pensam sobre os limites e os potenciais de cada um desses formatos de aula? Qual a relação com as aulas presenciais antes da pandemia? Como veem a relação com o professor e os materiais disponibilizados em cada formato?

Essa inquietação sobre como os alunos percebem as minhas aulas online é também a inquietação de muitos. O site Prova Fácil[13], em matéria de 2020, menciona que a pandemia impulsionou uma importante transformação no mercado da educação, especialmente nas

[13] https://www.provafacilnaweb.com.br

startups de educação (*edtechs*), mas, por outro lado, o ensino remoto emergencial tem gerado diferentes opiniões entre professores, alunos e pais, ou seja, a pandemia forçou outras formas de ensinar e se relacionar com os alunos, o que alguns acham interessante, outros não.

O objetivo deste trabalho é, então, conhecer o que os meus alunos de piano popular pensam sobre as aulas online síncronas e as aulas assíncronas, como percebem a relação entre os formatos síncrono e assíncrono em relação ao presencial, como avaliam os recursos e materiais pedagógicos usados em aulas online e a relação com o professor. Apesar da temática ser recente, trabalhos sobre a percepção de alunos sobre o ensino remoto emergencial já foram realizados por Giorno e Rosa (2020), Hodges et al. (2020), Queiroz (2020) e Saldanha (2020). Na área de educação musical, relatos de experiência sobre o ensino remoto emergencial foram realizados por Gohn (2020), Filho et al. (2020), Cruz e Leite (2020), Silva Souza (2020), Larruscain e Louro (2020).

O presente trabalho está dividido em cinco capítulos. No primeiro capítulo, apresento a Introdução e, no segundo capítulo, a Revisão de Literatura. No terceiro capítulo, descrevo a Metodologia utilizada e os procedimentos para realização das entrevistas. No quarto capítulo estão descritos os dados colhidos na pesquisa e, no quinto capítulo, apresento a conclusão.

2. Revisão de literatura

Esse trabalho foi realizado durante a pandemia de COVID-19 e as publicações sobre o tema estavam com uma produção crescente. Para conhecer a percepção dos estudantes sobre aulas online síncronas e aulas assíncronas no ensino remoto emergencial, foram realizadas buscas com palavras-chave, como “percepção de estudantes”, “aulas online síncronas e assíncronas”, “ensino remoto”, “ensino remoto emergencial” e foram encontrados no Google Acadêmico 32.100 resultados. Grande parte dos estudos encontrados foram realizados em instituições de ensino superior (em áreas do conhecimento como pedagogia, administração, farmácia, entre outras), cursos técnicos e instituições públicas e/ou privadas de educação básica.

Para conhecer a percepção de alunos no ensino remoto emergencial, durante a pandemia, acerca de aulas de música, foram feitas buscas com as palavras-chave “percepção estudantes de música”, “aulas online síncronas e assíncronas de música”, “ensino remoto de música”, “ensino remoto emergencial de música” e foram encontrados no Google Acadêmico 20.500 resultados. Grande parte dos estudos encontrados foram realizados em instituições de ensino superior e de educação básica de instituições públicas e/ou privadas e cursos livres de música. Vale destacar que, em meio às buscas filtradas para aulas de música, havia também nos resultados pesquisas de outras áreas do conhecimento, como geografia, matemática, inglês e outras disciplinas.

2.1. Histórico da Educação a Distância

O ensino não presencial é uma prática de várias décadas e tem viabilizado a aprendizagem de estudantes que teriam dificuldade de acesso a aulas presenciais.

> A modalidade de educação a distância surge no século XX como uma alternativa, diante da enorme demanda por educação, principalmente da classe trabalhadora, que necessitava ampliar seus estudos, mas não tinha tempo e muitas vezes nem recurso financeiro para frequentar as instituições de ensino”. (QUINTANA e FERNANDES, 2014, p. 128)

De acordo com Mugnol (2016), as primeiras experiências de ensinar a distância, no Brasil, surgiram em 1904 com a fundação das escolas internacionais que ofereciam cursos profissionalizantes por correspondência. O autor também destaca outras iniciativas de ensinar a distância com o uso do rádio, a partir de 1923, e posteriormente com a criação das TVs Educativas, em meados da década de 1960. As TVs Educativas foram importantes na produção de alguns programas de idiomas, como o “Inglês com Música”, na TV Cultura (com a primeira

edição exibida durante os anos de 1969-1981 e retorno em 2012), e o programa "Es Español", na TV Escola, que se iniciou em 2005, e também na produção de programas de língua portuguesa, como o "Nossa Língua", na TV Cultura, que se iniciou em 1994, e o "Afinando a Língua", na TV Futura, que teve início em 1999.

Outra experiência de ensinar a distância, com disciplinas regulares do ensino fundamental e do ensino médio, foi o Telecurso 2000, que contava com a produção da Fundação Padre Anchieta, em parceria com a Fundação Roberto Marinho. De acordo com o *site* do Telecurso 2000[14], as teleaulas começaram a ser produzidas a partir de 1978 e podiam ser assistidas entre as 5h e as 7h da manhã, na Rede Globo, e em outros horários em outras emissoras de TV, como TV Cultura, TV Brasil, TV Futura, entre outras. O Telecurso 2000 poderia ser cursado de duas formas: 1) o estudante poderia assistir às teleaulas de forma presencial em uma escola credenciada e realizar as provas na própria instituição; 2) o estudante poderia assistir às teleaulas em casa, pela televisão, e realizar as provas no SENAI ou SENAC. Desde o ano de 2014 as teleaulas estão disponibilizadas na internet e podem ser assistidas através do canal do Telecurso 2000 no YouTube[15].

2.2. Marcos legais e uso da sigla EaD

No Brasil, a regulamentação do ensino a distância foi sendo realizada por meio de diferentes leis e decretos. Um importante marco legal foi a primeira Lei de Diretrizes e Bases – LDB (Lei n.º 4.024, de 20 de dezembro de 1961), que, em seu artigo 104, permitia a criação de cursos ou escolas experimentais, dependendo de autorização do antigo Conselho Federal de Educação (CFE).

No governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, foi promulgada a LDB de 1996 (Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996), que incluía a EaD na educação superior em seu artigo 80: "o Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada" (BRASIL, 1996).

Preti (2005 *apud* Pessato et al. 2020) destaca o pioneirismo de algumas instituições, como a Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), que oferecia cursos de EaD de graduação em Licenciatura, e a Universidade de Brasília (UnB), que ofertava cursos na modalidade de extensão (ambas desde o ano de 1995) antes da promulgação da LDB n.°

[14] www.telecurso.org.br
[15] As teleaulas podem ser assistidas no link https://www.youtube.com/user/telecurso.

9.394/1996. Até a LDB de 1996, era utilizada a terminologia "ensino a distância" para as atividades de ensino que ocorriam de forma não presencial. Com a publicação do Decreto n.° 2.494, de 10 de fevereiro de 1998, passou-se a utilizar a terminologia "educação a distância". Mugnol (2016) comenta que, além da nova terminologia, o artigo 1° do Decreto 2.494 trouxe uma definição, ainda que instrumental, segundo a qual:

> educação a distância é uma forma de ensino que possibilita a auto-aprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados, e veiculados pelos diversos meios de comunicação (Decreto 2.494, 1998).

2.3. Tipos de EaD – avanço dos cursos online no Brasil

A EaD foi sendo remodelada com a utilização das cartas, do rádio, da televisão, dos discos de vinil, das fitas K7 e VHS, do DVD, até a chegada da internet, que permitiu a veiculação das aulas online. Moore e Kearsley (2012 *apud* Queiroz, 2020) subdivididem a EaD em cinco gerações:

> a primeira geração de EAD utilizou primordialmente as cartas como meio de instrução. A segunda geração foi mediada pelo rádio e pela televisão. A terceira geração, por sua vez, não se caracterizou pela adoção de outra forma de tecnologia empregada no ensino e aprendizagem, mas sim, foi marcada pela institucionalização de cursos EAD, como por exemplo os oferecidos pelas "Universidades Abertas". A quarta geração iniciou em 1980 com a primeira interação a distância em tempo real possibilitada pela teleconferência por áudio, vídeo e pelo computador, amplamente utilizada no treinamento corporativo. Finalmente, para Moore e Kearsley (2012), a última geração é marcada pelo ensino e aprendizagem online. (QUEIROZ, 2020, p. 35)

Com a expansão da internet surgiram também os chamados Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs), que viabilizaram a educação a distância online, como o *Moodle*[16], que foi "originalmente desenvolvido para ajudar educadores a criar cursos online, com foco na interação e na construção colaborativa de conteúdo" (MAGNAGNANO et al. 2015, p. 508). O *Moodle* passou a ser utilizado em universidades brasileiras que ofereciam educação a distância, como a Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e a Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), entre outras.

Com o desenvolvimento dos *streamings*[17], passou a ser cada vez mais crescente os cursos disponíveis na internet. O *streaming* permitiu a criação de plataformas como o YouTube e o Vimeo, em que há o compartilhamento de conteúdos gratuitos produzidos tanto pelos

[16] O moodle foi criado em 2002 e é a abreviação de *Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment*.
[17] *Streaming* é a tecnologia que permite que os dados sejam transmitidos pela internet sem a necessidade de *download* para o computador do usuário.

usuários quanto por instituições de ensino e de plataformas, como a Hotmart e o Udemy, que oferecem cursos pagos.

2.4. Movimentos mais marcantes de EaD: a Universidade Aberta do Brasil – UAB

Um movimento marcante da EaD no Brasil surgiu no governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva, com a edição do Decreto n.º 5.622, de 2005, como parte da expansão do ensino público superior gratuito, e também com o Decreto n.º 5.800, de 08 de junho de 2006, que viabilizou a criação da Universidade Aberta do Brasil (UAB). A Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e a Universidade de Brasília (UnB), entre outras, passaram a oferecer cursos de Licenciatura em Música pela UAB a partir de 2007. Pessato et al. (2020) comentam que no governo de Dilma Roussef houve a proposta de continuidade e expansão dos programas de educação realizados pelo seu antecessor e destaca a Lei n.º 13.005, de 25 de junho de 2014, que tinha entre seus objetivos "ampliar a oferta de vagas, por meio da expansão e interiorização da rede federal [...] e do Sistema Universidade Aberta do Brasil" (PESSATO et al., 2020, p. 7).

No governo do presidente Michel Temer, Pessato et al. (2020) discorrem que houve a regulamentação do art. 80 da LDB, com o Decreto n.º 9.057, de 25 de maio de 2017, bem como a flexibilização de criação de cursos de EaD por instituições privadas de ensino superior.

Os diferentes marcos legais permitiram avanços significativos e atualmente a EaD está em crescente expansão, possuindo um papel importante na formação dos estudantes, principalmente daqueles que vivem em regiões pouco acessíveis do país.

2.5. Ensino remoto e ensino remoto emergencial

O ensino remoto emergencial (ERT)[18] foi utilizado no Brasil com a sigla ERE. Além de compreender a terminologia, é igualmente importante compreender o contexto, pois: 1) o termo "remoto", de acordo com Behar (2020), significa estar distante no espaço e se refere a um distanciamento geográfico entre alunos e professores; 2) situado no contexto de pandemia, "o ensino é considerado remoto porque os professores e alunos estão impedidos por decreto de frequentarem instituições educacionais para evitar a disseminação do vírus" (BEHAR, 2020); e 3) é emergencial, "porque do dia para noite o planejamento pedagógico para o ano letivo de 2020 teve que ser engavetado" (BEHAR, 2020). O ensino remoto emergencial (ERE) é destacado por Hodges et al. (2020) como uma solução temporária para a circunstância de crise

[18] *Emergency Remote Teaching – ERT*, utilizado no português como ensino remoto emergencial ou ensino remoto de emergência (ERE).

e possui caráter provisório, pois as aulas retornarão ao formato presencial assim que a crise de emergência diminuir ou acabar.

Outro ponto importante destacado por diferentes autores (SALDANHA, 2020; HODGES et. al., 2020; BEHAR, 2020; GOHN, 2020) é de que o ensino remoto emergencial (ERE) e a educação a distância (EaD) não podem ser entendidos como sinônimos. Saldanha (2020) mostra de forma clara as diferenças de EaD e ERE quando define que "Este artigo trata do discurso do ensino remoto durante a pandemia de COVID-19 a partir de sua oposição à educação a distância (EaD)" (SALDANHA, 2020, p. 124). No site da Universidade Federal do Rio Grande do Sul[19], Behar expressa o mesmo entendimento: "O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância não podem ser compreendidos como sinônimos, por isso é muito importante, no contexto que estamos vivendo, clarificar esses conceitos". Já Gohn (2020, p. 1) destaca que "é apontada uma diferenciação entre ações de ensino remoto realizadas de forma emergencial e a educação a distância (EaD), quando aplicada com planejamento, pedagogias específicas e condições tecnológicas favoráveis", assim como Hodges et. al. (2020, p. 1) que afirma que "Este artigo trata das diferenças entre as experiências de aprendizado online bem planejadas e os cursos online oferecidos em momentos de crises ou de desastres".

Diferentes sites também abordaram as diferenças das *praxis* da Educação a Distância (EaD) e do Ensino Remoto Emergencial (ERE), esclarecendo outros aspectos que diferenciam a EaD do ERE. O site da Universidade Mackenzie[20] comenta que:

> na modalidade de ensino remoto, o estudante acessa uma plataforma de estudos no mesmo dia e horário de sua grade curricular presencial, e tem suas aulas por meio de ferramentas síncronas – termo que se relaciona com a palavra sincronia, ou seja, professores e alunos devem estar presentes sincronicamente, no mesmo horário e plataforma.

Em outro site, comenta-se que "O ensino remoto é todo conteúdo que é produzido e disponibilizado online, que é acompanhado em tempo real pelo professor que leciona aquela disciplina, sempre seguindo cronogramas adaptáveis do ensino tradicional"[21].

Depreende-se das análises de diferentes autores que a EaD, além da estruturação prévia, utiliza-se de meios e tecnologias da informação e comunicação (TICs) em que professores e estudantes desenvolvem atividades educativas em lugares ou tempos diversos. Já o ensino remoto, durante a pandemia, além de ter sido uma opção adotada em um momento de

[19] https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia/
[20] http://www.mackenzie.br/noticias/artigo/n/a/i/conheca-as-diferencas-entre-ead-e-ensino-remoto
[21] https://www.jornalcontabil.com.br/o-que-e-ensino-remoto-e-o-seu-papel-fundamental-em-2021/

urgência, apresentou a característica de ter as aulas online nos mesmos dias e horários das aulas que ocorriam presencialmente.

2.6. Problemas e potenciais do ensino remoto

No Brasil, além da mudança de urgência do ensino presencial para aulas online síncronas e aulas assíncronas, parte dos problemas enfrentados durante o ensino remoto emergencial ocorreu pela falta de acesso à tecnologia e pela falta de acesso à internet, tanto de professores como de estudantes. A implementação do ERE em um curto espaço de tempo não permitiu a análise detalhada das peculiaridades socioeconômicas das diferentes localidades do país. Gohn (2020) destaca que nem todos os professores e alunos vivem em regiões com internet de qualidade e/ou têm acesso aos equipamentos necessários para aulas online. O ensino presencial possuía uma estrutura que não pôde ser construída no ensino remoto emergencial. Hodges et al. (2020) reforçam que no ensino presencial, além das aulas planejadas em sala de aula, há outros recursos de apoio como biblioteca, moradia, orientação de carreira e serviços de saúde.

Outro problema identificado nas aulas remotas emergenciais diz respeito à falta de formação de professores para a educação online. Rondini et al. (2020) destaca que a formação dos docentes para o ensino online no Brasil ainda é pequena, quando comparada à do ensino presencial, e no ensino remoto emergencial parte dos professores tentaram reproduzir as mesmas práticas pedagógicas que eram utilizadas nas aulas presenciais. Couto et al. (2020 *apud* BREDARIOLI, 2020), por outro lado, comentam que a educação online vai muito além do uso das tecnologias digitais e que ela pode ser definida pela interatividade, colaboração, afetividade, coautoria, aprendizagem significativa e avaliação adequada e complementa que aquilo que caracteriza a educação on-line é a arquitetura pedagógica e não a tecnologia digital em si, pela mediação docente implicada, relação síncrona e assíncrona, entre outros, buscando a visão de que aprendemos qualitativamente nas trocas e nas construções conjuntas, estabelecendo comunidades de conhecimento mediadas pelo digital em rede, mas não somente por ele.

Rondini et al. (2020) citam que a literatura aponta que esse período de pandemia poderá ser promissor para a inovação na educação, pois professores e estudantes não serão mais os mesmos após a experiência do ensino remoto emergencial e que as TICs poderão ocupar um espaço importante em todos os níveis de ensino. As experiências práticas desenvolvidas no ensino remoto emergencial poderão abrir novos caminhos e novos recursos a serem utilizados em aulas online síncronas e aulas assíncronas.

Parte dos recursos pedagógicos usados no ensino emergencial na pandemia já existiam antes da popularização da internet, como os cursos por correspondência em que o estudante aprendia de forma assíncrona pelo material impresso. Dessa forma, "o chamado ensino remoto acabou por reunir durante a pandemia do novo coronavírus os diferentes recursos usados historicamente na educação a distância" (SALDANHA, 2020, p. 138).

2.7. Histórico do ensino de música com materiais assíncronos e síncronos

No ensino de música a utilização dos formatos síncronos e assíncronos permitiram diferentes práticas pedagógicas na educação musical ao longo dos anos. As primeiras experiências com o uso das tecnologias nas aulas de música a distância, de acordo com Cameron (2020 *apud* Queiroz, 2020), surgiram em meados do séc. XX, com o ensino de instrumento e voz:

> Um exemplo foi o programa da rádio BBC3 chamado 'Singing Together', que iniciou em 1939, e durou quase 60 anos. De acordo com Cameron (2020), as aulas aconteciam nas manhãs das segundas-feiras, às 11h00, em várias escolas do Reino Unido, quando os professores ligavam o rádio e cantavam com seus alunos. (Queiroz, 2020, p. 34)

O guitarrista David Gilmour, da banda britânica Pink Floyd, no documentário "Wider Horizons" (2015)[22], comenta sobre o método "The Folksinger's Guitar Guide: An Instruction", de Pete Seeger (1961). O guitarrista destaca que na sua adolescência esse método de violão foi muito importante para sua aprendizagem musical e descreve que o material era composto por um disco de vinil e um livro que ensinava acordes e batidas no violão.

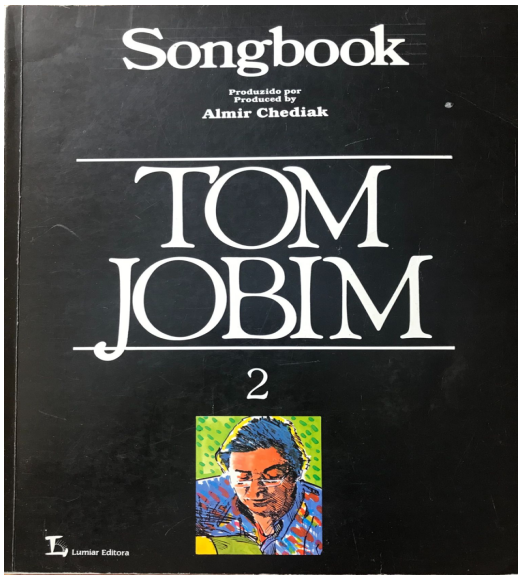
A produção de outros métodos escritos auxiliou também no aprofundamento musical de diferentes músicos. Vasconcellos (2017) cita que o livro "The Lydian Chromatic Concept of Tonal Organization", de George Russell (1953), foi uma grande referência para Miles Davis e Bill Evans e teve um papel fundamental na concepção de um dos mais significativos álbuns de Jazz lançados até hoje, "Kind of Blue" (1959), que inaugurou o conceito de Jazz Modal. Vasconcellos (2017) também cita outras importantes publicações de destaque das décadas de 1960 e 1970, como: "Improvising Jazz", de Jerry Coker (1964), que aborda conceitos essenciais do blues, como *swing*, harmonia, acordes e suas progressões características; "How to Play Jazz and Improvise", de Jamey Aebersold (1967); e "Patterns for Jazz", de Jerry Coker (1970).

[22] Trecho do documentário produzido pela BBC, que conta a trajetória do guitarrista, cantor e compositor David Gilmour, em que ele comenta sobre sua aprendizagem. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-_ueFxgO5sY>. Acesso em: 17 jul. 2021.

No Brasil, no ano de 1974, surge um dos maiores fenômenos na comercialização de música impressa com a Revista Violão&Guitarra (conhecida popularmente como revista VIGU). Vasconcellos (2017) destaca que essas revistas eram comercializadas em bancas de jornal e de revista em todo o país. Nos anos 1980, surgem métodos musicais publicados pela editora Lumiar, com grande destaque para os *songbooks*:

> O incontestável sucesso da Editora Lumiar aqueceu o mercado brasileiro e abriu caminho para a série de Songbooks inaugurada em 1989 com Bossa Nova Volume 1 seguido pelos volumes 2, 3, 4 e 5 e vários outros dedicados a compositores como Tom Jobim, Caetano Veloso, Chico Buarque, Gilberto Gil, João Donato, Rita Lee, Djavan, Noel Rosa, Cazuza entre outros. O formato adotado por Almir Chediak para os songbooks foi estrategicamente escolhido para atender a todo o tipo de clientela, incluindo o músico profissional e o músico amador. As partituras cifradas editadas para cada música, incluem além da notação tradicional no pentagrama, a letra com os acordes cifrados acima e a separação dos compassos, o que constitui uma evolução do formato popularizado pela Revista VIGU. (VASCONCELLOS, 2017, p. 78)

Figura 5 – *Songbook* produzido pela Editora Lumiar.



Fonte: acervo pessoal.

Com a popularização das fitas VHS nos anos 1990, começaram a ser produzidas videoaulas de música de jazz, rock, blues e música brasileira, em que instrumentistas e professores de música compartilhavam suas técnicas em aulas assíncronas com duração média de 1h a 1h30. Nos anos 2000, com a popularização do DVD, as videoaulas migraram para o formato digital, mas nos mesmos moldes das fitas VHS.

Com a popularização da internet e o surgimento do *streaming,* em meados dos anos 2000, passaram a ser oferecidos diferentes cursos de música em plataformas pagas, como Hotmart e Udemy, e surgiram aplicativos de música para *smartphones*, como SimplyPiano e iReal Pro. Esses diferentes recursos desenvolvidos ao longo das décadas permitiram a

aprendizagem e o compartilhamento de técnicas voltadas para o ensino de instrumentos. Atualmente, o uso combinado das diferentes tecnologias pode ser feito tanto por aqueles que estudam de forma autônoma como também por professores na produção de aulas online síncronas e aulas assíncronas com materiais escritos, recursos visuais e recursos auditivos.

2.7.1. Ensino remoto emergencial de música

Com a impossibilidade de aulas de música presenciais, as atividades regulares de música também foram remanejadas para o ensino remoto emergencial. Grandes desafios surgiram para os professores de música. Matos (2021) cita, em seu estudo sobre o ensino remoto de música na educação básica, que, de acordo com dados do IBGE de 2018, 25 % dos brasileiros não possuem acesso à internet e, desse grupo, 12% não tem acesso à rede por não saber lidar com a tecnologia. Larruscain e Louro (2020) relatam a dificuldade dos professores de desenvolver aulas de música, porque parte dos estudantes possuía pacote de internet limitado e/ou computador compartilhado por diferentes pessoas da família.

Cruz e Leite (2020) destacam que, nas aulas de música na educação básica, na cidade de Recife, parte dos estudantes não possuía instrumentos musicais em casa, seu contato com os instrumentos ocorria na escola e, na impossibilidade de oferecer atividades presenciais, os professores passaram a criar materiais didáticos que pudessem trazer alternativas para a prática musical:

> apesar da ausência de um instrumento melódico, no caso da flauta doce, os estudantes foram encorajados a utilizarem materiais recicláveis com a finalidade de explorar a sonoridade dos objetos como garrafas PET (PoliEtileno/PE/ + Tereftalato/T/), baldes, colheres de madeira ou utensílios metálicos como colheres, panelas, tampas de panelas, ou seja, o que estivesse ao alcance a fim de ser utilizado como instrumento percussivo, ao mesmo tempo em que se podia realizar um paralelo com a música experimental. (CRUZ e LEITE, 2020, p. 9)

Para Hodges et al. (2020), o tamanho da turma e a faixa de idade influenciam no tipo de modalidade a ser adotada, pois “adultos precisam de mais flexibilidade, portanto, o modo assíncrono geralmente é melhor, talvez com sessões síncronas pontuais, enquanto os mais jovens se beneficiam da estrutura das sessões síncronas frequentes” (HODGES et al., 2020, p. 5). No ensino coletivo de música, Filho et al. (2020) descrevem que no projeto de extensão do curso de orquestra de violões da Universidade Federal da Paraíba os professores utilizavam o *Google Meet* no ERE, porém quando os alunos tocavam todos os violões ao mesmo tempo tudo soava como se cada um estivesse tocando em um tempo diferente.

Gohn (2020) cita que, no decorrer do século XXI, houve por parte dos professores um uso crescente de recursos de videoconferência que estavam disponíveis na internet, inicialmente

com o *Skype* e *Facetime* e, mais recentemente, com o *Google Meet* e *Zoom*, porém, esses *softwares* foram desenvolvidos para a voz falada e acabam por comprometer aspectos do timbre e da dinâmica, impedindo uma qualidade suficiente na percepção de todas as nuanças musicais. Além disso, esses *softwares* possuem o problema da latência/*delay*, em que parte do som tocado não é emitido em sincronia com o que é visto. O autor complementa que esse problema da falta de sincronia poderia ser resolvido com *softwares* como LoLa (*Low Latency*) e com a Internet2, que corrigem de forma satisfatória a falta de sincronia entre a imagem e o som, mas esses recursos ainda não estão disponíveis no Brasil.

Para remediar parte do problema de falta de sincronia ao duas ou mais pessoas tocarem simultaneamente, em aulas online síncronas, diferentes estratégias foram utilizadas por professores de música. Uma delas foi a de que "quando o professor necessitava tocar algum trecho, os microfones dos alunos eram desabilitados, porém, com os microfones mudos, os alunos poderiam tocar junto com o professor" (FILHO et al., 2020, p. 6). Em outra alternativa com o uso de materiais assíncronos, Filho et al. (2020) relatam que, nas suas aulas do ensino coletivo de violões, um monitor criou um grupo de *WhatsApp* que era utilizado para troca de informações e de materiais, como vídeos, áudios, entre professores e alunos. "Esse grupo, naturalmente, acabou sendo o lugar por onde, muitas vezes, divulgávamos materiais pedagógicos, arquivos e documentos necessários para as aulas" (FILHO et al., 2020, p. 5).

Novas possibilidades poderão surgir com a adoção da modalidade de ensino e aprendizagem online, se for feita com a análise detalhada de dados e com o estudo aprofundado das experiências vivenciadas por professores, estudantes e pais, poderá ampliar o acesso a aulas de música. As aulas online poderão permitir economia de tempo e distância, pois com aulas online é possível "reduzir os custos relacionados ao deslocamento de professores para possibilitar a aprendizagem de instrumentos a alunos que de outra forma não poderiam desenvolver uma prática instrumental" (QUEIROZ, 2020, p. 36). Larruscain e Louro (2020) destacam, em seus estudos sobre a experiência de professores de música durante a pandemia, relatos de professores que reforçam que, quando voltarem às aulas presenciais, será necessário observar as diferenças que existem entre os alunos mais privilegiados e os mais pobres e complementam que na opinião desses educadores "os governantes precisam investir na educação pública para diminuir as diferenças de condições e garantir que as crianças de hoje não passem as mesmas dificuldades que suas famílias" (LARRUSCAIN e LOURO, 2020, p. 9).

Futuramente, se houver a continuidade das aulas online de música na educação básica e/ou em instituições de ensino superior, por meio do ensino híbrido[23], por exemplo, as instituições de ensino terão (e poderão) que investir muito mais em estudos detalhados das condições socioeconômicas e de acesso à tecnologia dos estudantes, e poderão investir mais na formação de professores para o uso das tecnologias de informação e comunicação (TICs) em suas aulas de música. As aulas de música desenvolvidas durante o ensino remoto emergencial (ERE) poderão apontar novas iniciativas para o desenvolvimento de aulas de instrumento online síncronas e aulas assíncronas e aumentar as oportunidades de acesso ao ensino musical daqueles que residem em regiões distantes dos grandes centros urbanos.

2.8. Percepção de alunos sobre o ensino remoto emergencial

Com a mudança das atividades presenciais para o ensino remoto emergencial, alguns estudos buscaram conhecer a percepção dos estudantes e suas impressões sobre as aulas online síncronas e as aulas assíncronas durante a pandemia. Os estudantes revelaram dificuldades com determinadas disciplinas, dificuldade de acompanhar as matérias e distração por ocupação com tarefas domésticas.

Grande parte de suas dificuldades ocorreram pelo excesso de atividades e problemas na interação com os professores. Por parte dos docentes houve dificuldade na utilização de diferentes plataformas, aplicativos e dipositivos eletrônicos (computadores e *smartphones*) por falta de preparação prévia e a necessidade de adaptação com o uso de tecnologias em um curto espaço de tempo em função da situação de emergência imposta pela pandemia. Além dos problemas de ordem social, familiar e pessoal, a dificuldade de acesso aos recursos tecnológicos e a própria situação imposta pelo isolamento social causado pela pandemia trouxeram grandes mudanças para a rotina dos estudantes. Tavares (2020), ao pesquisar as atividades discentes do primeiro ano do Ensino Médio de uma escola da rede privada no município de Duque de Caxias-RJ, durante o ensino remoto emergencial, colheu relatos dos estudantes que afirmam que parte de suas dificuldades dizem respeito a "problemas técnicos (instabilidade da plataforma, áudio, vídeo, conexão), perda de vínculo com o professor, desgaste, problemas familiares, exaustão" (TAVARES, 2020, p. 9). Giorno e Rosa (2020), que analisaram estudantes do Ensino Médio Profissionalizante de uma escola da rede pública federal do Rio de janeiro, mostram que algumas práticas pedagógicas dificultaram a aprendizagem durante ensino remoto emergencial:

[23] É um tipo de atividade pedagógica que tem momentos presenciais e momentos a distância, que se complementam entre si.

> os alunos dizem ter “muitas atividades na semana” (81%), “não consigo ter rotina de estudo” (59,5%), “dificuldade de comunicação com os professores” (43,4%), “não consigo tirar dúvidas” (28%), “acesso ao material” (18,6%), “pouco conteúdo sendo passado” (6,8%), “nenhum problema” (3,9%). (GIORNO e ROSA, 2020, p. 8)

Outras práticas relatadas pelos estudantes que dificultaram sua aprendizagem foram: “os professores avançarem muito rápido com os conteúdos, passar tarefas sem explicação e exercícios com conteúdos novos que ainda não aprenderam.” (GIORNO e ROSA, 2020, p. 10). Os estudantes complementam ainda que as aulas poderiam ser mais eficientes por meio de videoconferências e videoaulas que não fossem muito extensas.

Parte da dificuldade relatada pelos estudantes diz respeito às questões sociais e também à falta de estruturação pedagógica das aulas para os formatos de aulas online síncronas e aulas assíncronas. Segundo Tavares (2020), a falta de preparo prévio das instituições de ensino, na área pedagógica, foi parte do problema que tornou as aulas do ensino remoto emergencial pouco atrativas na percepção dos estudantes.

2.8.1. Percepção de alunos de música sobre o ensino remoto emergencial

Com as mudanças causadas pela pandemia da COVID-19, estudantes de música tiveram diferentes percepções sobre as aulas de música, tanto de instituições de ensino superior quanto de aulas particulares. Um estudo sobre a percepção de alunos de graduação em música na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), feito por Santiago (2021), revelou como os estudantes que participaram da pesquisa interagiram com as redes sociais e como foram suas práticas musicais durante a quarentena. Parte dos alunos revelou que a pandemia provocada pela COVID-19 teve impacto negativo no que se refere a fatores emocionais e financeiros em suas famílias. Além disso, os estudantes relataram fadiga com muitas aulas com o uso de celulares, *tablets* e computadores durante o ensino remoto emergencial.

Apesar do desgaste de parte dos estudantes com aulas de música em instituições regulares de ensino de música, durante a pandemia passou a haver uma procura crescente por aulas particulares online de instrumento. De acordo com matéria da Folha[24], na comparação entre abril e setembro de 2020 e o mesmo período do ano de 2019, a busca por professores que dão aula online em todo o estado de São Paulo subiu 93%. Professores particulares de música que participaram da matéria publicada pela Folha explicaram que a quarentena ajudou a diminuir o preconceito contra as aulas online, especialmente no aprendizado musical. Algumas escolas na grande São Paulo passaram a ter procura de alunos por aulas online síncronas e outra

[24] https://agora.folha.uol.com.br/sao-paulo/2020/10/cresce-a-procura-por-aulas-de-musica-durante-a-quarentena.shtml

parte de alunos também fizeram a opção por terem aulas assíncronas. Nessa reportagem da Folha, um dos professores que oferecem cursos assíncronos, Milo Andreo, comenta que a venda de cursos assíncronos de piano e teclado mais do que triplicou com o início da pandemia.

Ainda de acordo com matéria da Folha, entre os relatos de estudantes que iniciaram a aprendizagem musical durante a pandemia, destaca-se o da administradora de empresas Jéssica Melo, de 28 anos, que começou a estudar teclado. Ela comenta que as aulas de música trouxeram melhoras no trabalho e na sua concentração, "É quase como uma terapia", relata. Outros alunos que já tinham algum contato com áreas artísticas aproveitaram as aulas online para aprimorar suas habilidades, como o ator Bruno Gadiol, de 22 anos, que aproveitou a pandemia para estender seus conhecimentos musicais. Ele comprou um teclado em junho de 2020 e logo iniciou as aulas pela internet. Gadiol não pretende parar as aulas após o término da quarentena e comenta, na reportagem, que "não é só pela pandemia. É importante para mim e para minha formação. A ideia é que eu aprenda e me sinta confiante. Eu quero estar no palco e tocar minha música."

A percepção dos estudantes que tiveram contato com aulas particulares online de música foi diferente, o que pode revelar que a condição social e econômica desses estudantes, além de conteúdos que foram preparados pelos professores para o formato online, influenciaram de forma diferente na aprendizagem.

3. Metodologia

Para conhecer a percepção dos estudantes a respeito das minhas aulas de piano online nesta pesquisa, a entrevista permitiu saber como os estudantes receberam os formatos síncrono e assíncrono em aulas de instrumento. Segundo Szymanski, a entrevista permite saber a opinião do entrevistado sobre um determinado tema, pois "o entrevistado é alguém que tem uma informação que lhe interessa receber e a situação de entrevista pode ser interpretada como uma oportunidade para obter as informações desejadas" (SZYMANSKY, 2000, p. 198).

Este trabalho insere-se, assim, no âmbito da pesquisa qualitativa. Conforme é ressaltado por Sakamoto e Silveira (2014), a pesquisa qualitativa permite analisar o relato de experiência daqueles que participam da pesquisa, pois, "baseada na análise do relato de experiências, permitiria um entendimento aprofundado de alguns relatos particulares" (SAKAMOTO e SILVEIRA, 2014, p. 47).

Conhecer a percepção dos estudantes sobre aulas online de instrumento seria o eixo central da pesquisa, por isso trata-se de uma pesquisa qualitativa que tem como técnica de coleta de dados a entrevista:

> podemos certificar que a opção pela técnica de coleta de dados através da Entrevista deve ser feita quando o pesquisador/entrevistador precisa valer-se de respostas mais profundas para que os resultados da sua pesquisa sejam realmente atingidos de forma fidedigna. E só os sujeitos selecionados e conhecedores do tema em questão serão capazes de emitir opiniões concretas a respeito do assunto. (ROSA e ARNOLDI, 2017, p. 16)

Os colaboradores dessa pesquisa são dois alunos de piano popular. Um deles foi denominado Jorge (codinome escolhido pelo estudante para essa pesquisa) e a outra, denominada Fabiana (codinome escolhido pela estudante para essa pesquisa). Em função de a pesquisa ser realizada durante o contexto de pandemia, dois estudantes se encaixavam no perfil de alunos que tiveram aulas online síncronas e aulas assíncronas.

Esses estudantes-voluntários tiveram aulas assíncronas de abril a julho de 2020 com os materiais desenvolvidos por mim, sob orientação da professora Maria Isabel Montandon, durante a disciplina de Estágio Supervisionado em Música 2. Os conteúdos foram disponibilizados no YouTube e parte do material foi enviada pelo *WhatsApp*.

Posteriormente, os estudantes-voluntários tiveram aulas online síncronas, entre o período de março a maio de 2021, pelo *Google Meet* ou por videochamada via *WhatsApp.* Para complementar as explicações das aulas online síncronas, eram enviados vídeos de apoio, gravados por mim, contendo o resumo dos principais tópicos da aula, via mensagem no

WhatsApp. Com o vídeo de apoio, o estudante poderia praticar sem a latência/*delay* (atraso entre a imagem e o som). As aulas síncronas tinham duração média de 1h e os vídeos de apoio assíncronos tinham duração média de 2 a 3 minutos.

Os estudantes Jorge e Fabiana tiveram contato com os mesmos conteúdos, tanto nas aulas online síncronas como nas aulas assíncronas. Portanto, somente esses dois alunos tinham o perfil e a disponibilidade para colaborarem nesta pesquisa. Rosa e Arnoldi (2017) enfatizam que "na pesquisa qualitativa, não é a quantidade de pessoas que irão prestar informações que tem importância, mas, sim, o significado que os sujeitos têm, em razão do que se procura para a pesquisa" (ROSA e ARNOLDI, 2017, p. 53).

Para a realização da entrevista, foi elaborado um roteiro de perguntas estruturadas e semiestruturadas (Apêndices A e B). Na entrevista estruturada, Rosa e Arnoldi (2017) citam que as perguntas são formalmente elaboradas com um roteiro, seguindo uma sequência padronizada e com perguntas fechadas. Complementam, ainda, que no modelo de entrevista semiestruturada exige-se que se componha um roteiro de tópicos selecionados, mas as perguntas podem ser mais flexíveis e a sequência dos questionamentos fica por conta da dinâmica do que acontece entre entrevistador e entrevistado.

Para essas entrevistas foram elaboradas questões que pudessem apresentar e conhecer de maneira sequencial o perfil dos estudantes, a interação com o professor, suas percepções acerca dos materiais produzidos para as aulas, como eles observavam as modalidades síncronas e assíncronas e o que, em sua percepção, funcionava melhor nas aulas. Por fim, sua percepção sobre a relação entre as aulas online e a experiência prévia da aula presencial.

Após a análise das respostas da primeira entrevista, foi observada a necessidade de um maior aprofundamento. Assim, os estudantes-voluntários foram contatados para uma segunda entrevista. No entanto, a estudante Fabiana não pôde participar da segunda entrevista por questões de saúde.

Os roteiros da entrevista estruturada e da entrevista semiestruturada encontram-se no final desse trabalho, nos Apêndices A e B. Cada entrevistado recebeu o termo de consentimento constante do Apêndice C. As entrevistas ocorreram por meio de videoconferência pelo *Whereby* e *Google Meet* e foi gravado somente o áudio, utilizando o gravador do celular. Todas as entrevistas foram transcritas na íntegra e estão disponíveis em um caderno de entrevista, que contém as entrevistas dos dois colaboradores com um número total de 11 páginas. A entrevista se inicia com o estudante Jorge e em seguida com a estudante Fabiana. Será utilizada a sigla "CA" para indicar o Caderno de Entrevista.

A primeira entrevista com o estudante Jorge ocorreu no dia 06 de maio de 2021, com a duração de 14min 10s, e a segunda entrevista ocorreu no dia 14 de maio de 2021, com a duração de 40min 45s. A entrevista com a estudante Fabiana ocorreu no dia 07 de maio de 2021, com a duração de 12min 06s, e a segunda entrevista não ocorreu por motivos de saúde.

4. Descrição dos dados

Na experiência que tive durante a disciplina de estágio supervisionado, aprendi como utilizar recursos que poderiam facilitar a aprendizagem dos meus alunos. Os conhecimentos sobre a utilização de TICs auxiliaram na criação de materiais de vídeo com imagens sobrepostas e recursos de áudio para as aulas, assim como o conhecimento sobre os aplicativos e seus limites na produção desses conteúdos. No relato dos estudantes-voluntários, foi destacado que esses recursos facilitaram sua assimilação dos conteúdos propostos. As entrevistas feitas neste trabalho revelaram pontos destacados na revisão de literatura, além de outras percepções dos estudantes-voluntários sobre as aulas online síncronas e as aulas assíncronas.

As entrevistas com os dois estudantes-voluntários permitiram saber a percepção deles acerca das aulas online síncronas e das aulas assíncronas e possibilitaram conhecer uma perspectiva diferente da que se poderia imaginar como professor. Além disso, permitiu-me pensar como as aulas online síncronas e as aulas assíncronas podem ser desenvolvidas para facilitar a aprendizagem dos estudantes.

4.1. Perfil dos estudantes

O participante Jorge tem 69 anos, toca instrumentos desde a adolescência e iniciou seus estudos de piano há 2 anos em aula particular presencial. Gosta de tocar gêneros como rock, blues, bossa nova e MPB e se descreve como um autodidata. Teve uma banda de rock na juventude e costuma criar algumas composições próprias. Em sua segunda entrevista, ele enfatiza o que já tinha dito na primeira entrevista sobre as suas impressões de aulas online síncronas e aulas assíncronas e qual dessas modalidades é de sua preferência, o que será descrito no seu relato.

A participante Fabiana tem 30 anos, iniciou seus estudos de teclado na infância, porém encerrou as aulas após alguns meses e só voltou a estudar o teclado com as aulas assíncronas do meu curso. Gosta de tocar gêneros como MPB, rock e música pop. Teve contato com o teclado ao longo da vida e enfatiza que as aulas online dadas por mim criaram uma impressão diferente do que ela imaginava sobre aulas online.

Os dois entrevistados possuíam um contato prévio com o piano e o teclado antes de iniciarem as aulas online síncronas e as aulas assíncronas do Estágio Supervisionado em Música 2, ou seja, não eram estudantes que estavam começando “do zero”, então, em diferentes níveis,

conheciam o nome das notas, um pouco de acordes, não sabiam ler partitura e possuíam afinidade com o repertório da música popular. Ambos tiveram contato com os mesmos materiais produzidos tanto no ensino online síncrono quanto nas aulas assíncronas. O processo de ensino foi por imitação auditiva, cifras e grafias alternativas para a estrutura das músicas.

4.2. Trajetória de aulas (ou de formação no instrumento)

Ao perguntar sobre como se deu o início de sua formação, o aluno Jorge diz como começou a tocar piano e explica que iniciou com "aulas particulares com o professor Douglas de Oliveira" (CA, p. 1). Esse estudante teve aulas presenciais comigo cerca de dois anos antes do início da pandemia (com aulas presenciais a partir de junho de 2018) e ao longo da vida teve a vivência prática de tocar em alguns grupos musicais. Também tocava outros instrumentos musicais, como violão, guitarra e *cajon*, e tocava gêneros musicais como rock, blues e música popular brasileira.

A aluna Fabiana comenta que teve alguns meses de aulas de teclado por volta dos 6 ou 7 anos de idade, e complementa que "eu devo ter feito aula menos de... entre 6 meses e um ano, mais ou menos e aí nunca mais eu tinha tido contato até o ano passado quando a gente fez as primeiras aulas" (CA, p. 4). Em abril de 2020, Fabiana começou a ter aulas comigo, já de forma online. No início do curso, pedi para que apresentasse seus conhecimentos prévios em uma apresentação por vídeo, na qual ela mostrou que conhecia o nome das notas do teclado, sabia alguns exercícios básicos de escalas, mas comentou que não se lembrava mais de muita coisa por ter feito algumas aulas na infância.

4.3. Percepção dos estudantes com relação a aulas online síncronas e aulas assíncronas

Na entrevista, ambos os estudantes relataram que não tinham tido experiências com aulas online de piano, mas o estudante Jorge comenta sobre sua experiência de ter assistido aulas disponibilizadas na internet: "a única experiência de aula virtual são aquelas que a gente pesquisa no *Youtube*, né? Algum vídeo interessante que tem alguém lá fornecendo algum tipo de conteúdo" (CA, p. 1).

Para Fabiana e Jorge, aulas online síncronas permitem uma maior interação com o professor, principalmente no que diz respeito à questão das dúvidas, pois de acordo com o relato de Fabiana "quando faz de forma síncrona vão surgindo mais dúvidas, mais curiosidades e aumenta a chance de eu aprender coisas que eu não aprendi quando eu tava no modo assíncrono" (CA, p. 5). Jorge comenta que na aula online síncrona "a vantagem é a que você

teve uma dúvida você tira a dúvida na hora, né? Você tá ali num bate e volta, né? Coisa que não ocorre na outra, na assíncrona" (CA, p. 2).

Quanto aos pontos negativos das aulas online síncronas, a estudante Fabiana cita que em algumas aulas tinha que confirmar verbalmente quais eram as teclas que eu havia tocado, porque não conseguia ver pela imagem pela falta de sincronia, e, em função da oscilação do sinal da internet, ela tinha que se basear somente pelo som. Ela frisa que "a grande dificuldade no formato síncrono foi a internet, quando tava com a conexão ruim era muito difícil ver os seus dedos no teclado, então eu ficava mais pelo som" (CA, p. 5). Na entrevista do estudante Jorge, ele também comenta que as aulas online síncronas apresentam problemas em função da velocidade da internet e comenta que "mesmo que você tenha uma velocidade bacana de banda larga sempre existe algum *delay* entre a comunicação, pelo menos eu percebi isso, dificultou um pouquinho, né? Não é exatamente na mesma hora, no mesmo *timing*" (CA, p. 2). O problema de *delay* é a falta de sincronia entre a imagem e o som quando há variação no sinal de internet. Os estudos publicados sobre aulas online síncronas e aulas assíncronas, durante a pandemia, revelaram parte dos problemas enfrentados pelos estudantes entrevistados por diferentes autores. De acordo com Larruscain e Louro (2020), era recorrente que estudantes possuíssem pacote de internet reduzido. Gohn (2020) cita que a oscilação do sinal de internet gerou problemas de sincronia de imagem e som durante as aulas, o que dificulta a aprendizagem dos alunos nas aulas de música online síncronas.

Quando perguntados sobre os pontos positivos das aulas assíncronas, a estudante Fabiana revelou que havia a vantagem de poder escolher o melhor momento na sua rotina para assistir às aulas. Já o estudante Jorge pontuou que nas aulas assíncronas ele poderia ver os vídeos quantas vezes quisesse, podendo parar e voltar o vídeo. Além disso, outro ponto positivo comentado por ambos diz respeito ao ritmo de aprendizagem. Fabiana afirma que "às vezes não ter alguém assistindo enquanto você está tocando te deixa menos travado também, ainda não tem familiaridade com o instrumento" (CA, p. 5). Ainda sobre o formato assíncrono, Jorge comenta algo semelhante: "eu acredito que quando você tá na forma é... síncrona, né? Existe uma certa pressão, né, de tempo que acaba me incomodando um pouco, né? Nada trágico, mas entre uma e outra eu prefiro a assíncrona por conta desse aspecto" (CA, p. 7). Essa resposta foi uma surpresa porque eu esperava que as aulas assíncronas fossem as mais rejeitadas, mas na opinião dos estudantes-voluntários as aulas assíncronas possuem pontos positivos.

Com relação aos pontos negativos observados pelos estudantes sobre a aula assíncrona, Fabiana e Jorge destacaram que dúvidas sobre o assunto ou algum detalhe que precisaria ser corrigido teria de ser visto em um momento posterior, o que atrapalharia um pouco o ritmo de aprendizagem, porque o professor não está em contato com eles em tempo real. Jorge comenta que a aula assíncrona não pode ser muito longa, pois "com certeza um vídeo longo você desiste por mais conteúdo interessante que o assunto seja" (CA, p. 10).

4.4. Interação com o professor

Quando perguntados como era a interação com o professor nas aulas de piano online, ambos responderam que os assuntos eram abordados de forma clara, tanto nas aulas assíncronas quanto no formato de aulas online síncronas. O estudante Jorge, entretanto, destacou que nos vídeos assíncronos faltou explicar no início qual seria o objetivo da aula, pois de forma geral o conteúdo já era apresentado e o estudante não tinha como saber qual era o objetivo da aula, teria que assistir o vídeo todo. Ele sugere que "se o objetivo é fazer com que o aluno fique até o final do vídeo é interessante você mostrar de pronto aonde você quer chegar e como que ele vai tá de conteúdo, de conhecimento no final do vídeo" (CA, p. 11).

4.5. Materiais

O estudante Jorge também destacou que os materiais foram um ponto forte e que, nas aulas síncronas, havia a possibilidade de serem também individualizados, não sendo um modelo fechado para todos os estudantes. Quanto à organização do material, a estudante Fabiana destacou que a qualidade das aulas era muito boa, dava para acompanhar e que as imagens apresentadas facilitavam sua aprendizagem. Além dos problemas tecnológicos, outro fator importante destacado por Hodges et al. (2020) e Rondini et al. (2020) está relacionado à falta de preparação prévia dos professores para o formato online, pois sem o conhecimento dos recursos necessários para desenvolver os materiais para as aulas online os estudantes terão dificuldade na aprendizagem dos estudantes. No caso das minhas aulas online a disciplina de estágio supervisionado ajudou na preparação do material para as aulas online síncronas e as aulas assíncronas.

A forma com que os alunos estudaram os vídeos também teve similaridade, pois ambos comentaram que assistiram aos vídeos de uma só vez e depois foram entendendo as partes das aulas. Jorge afirma que "eu em um primeiro momento procuro ouvir tudo de uma vez. Ver o

contexto. Aí depois em um segundo momento eu vou naquele sistema de roda um pouquinho, para, pratica, volta se for o caso" (CA, p. 2). Fabiana diz que "eu ia vendo aos poucos. Na verdade, quando eu recebia o vídeo eu dava uma olhada pra ver o que era sem nem tá perto do teclado. Aí via como é que era o que ia ser e depois ia em um outro momento tentar já fazer junto com o teclado" (CA, p. 6)

Ambos comentaram que, mesmo com um material com o qual eles tinham familiaridade, era necessário praticar muito, exigindo muitas repetições e muito treino. Fabiana relatou que "aí parava o vídeo, volta vê os dedos direitinho, aí dá play de novo. Aí tenta, aí pausa, volta. Aí vixe, vai e volta várias vezes" (CA, p. 6). Para Jorge, "Não ficou legal, volta se for o caso. Avança se ficou legal e aí de novo né? Para, repete, para ficou legal, prossegue, não ficou retroage" (CA, p. 2).

Quanto à função do professor e se é possível aprender com aulas de piano online, os estudantes afirmaram que sim, mas fizeram a ressalva de que é necessária a dedicação do aluno e relataram que o auxílio do professor é importante, ou seja, existe autonomia na aprendizagem, pois o professor não precisa estar cem por cento presente, mas a interação e a oportunidade de perguntar ajudam na aprendizagem.

Quanto à relação entre as aulas online e as aulas presenciais, a estudante Fabiana afirma que "a facilidade assim mesmo de poder tá em casa, não perder tempo de deslocamento assim. Eu acho que isso é uma grande vantagem do ensino remoto" (CA, p. 6). Já o estudante Jorge cita que preferiria ter aulas assíncronas de piano e sugere que as aulas presenciais poderiam ser utilizadas para complementar o que foi abordado nas aulas assíncronas e afirma que "no meu caso funcionaria na boa 'a música é essa, o treinamento é esse, treina aí' e aí você treinava você iria levantar as dificuldades e aí na aula presencial você retiraria todas as dúvidas que você estaria fazendo errado seria corrigido" (CA, p. 3). Queiroz (2020) destaca que poderão surgir novas possibilidades de ensino e aprendizagem com aulas online de música, entretanto é necessário que seja feito o estudo aprofundado das condições de acesso de internet de professores, pais e estudantes para que as aulas online possam ampliar o acesso de pessoas que residem em diferentes localidades.

5. Conclusão

A minha vivência como estudante da graduação em música e como professor de instrumento foi permeada por diferentes experiências, nos últimos anos, que me proporcionaram o desenvolvimento de habilidades diversificadas, como aulas individuais, coletivas. Com o surgimento da pandemia pude ter mais ferramentas para dar continuidade às atividades que eu já desenvolvia de aulas online síncronas, e abriram-se novas ideias para desenvolver aulas assíncronas por meio da orientação dos professores e do compartilhamento de ideias com os colegas de curso.

A situação enfrentada durante a pandemia está sendo desafiadora e conhecer a realidade vivenciada pelos meus alunos, nesse período, permitiu entender a complexidade e a necessidade da formação de professores, além da ampliação das condições de acesso à tecnologia pelos estudantes. Minha pesquisa atingiu os objetivos de conhecer a percepção dos meus estudantes com aulas online de piano, e após esse trabalho posso concluir que as aulas online proporcionam a aprendizagem de instrumento. De certa forma esperava que os estudantes ressaltariam a importância da qualidade dos materiais, mas para a minha surpresa não imaginava que as aulas assíncronas teriam uma aceitação como ocorreu nessa pesquisa. E atualmente eles aprendem das três formas de aprender (síncrona, assíncrona e presencial) provavelmente pelo fato de serem adultos.

Os estudos publicados sobre os impactos causados pela pandemia e o número crescente de pesquisas que estão sendo feitas nesse período poderão promover importantes debates na educação básica e nas instituições de ensino superior, o que poderá gerar novos caminhos nas práticas de ensino-aprendizagem, pois a ausência de preparação dos professores, durante a pandemia, para as aulas no formato online dificultou a aprendizagem dos estudantes.

Ao longo dos anos foram desenvolvidos importantes avanços na oferta e na ampliação da educação online no país, mas para permitir a democratização das aulas online, será exigido conhecimento aprofundado das particularidades socioeconômicas de cada região do país, para que haja um ambiente favorável para a aprendizagem.

A educação musical pode se beneficiar das aulas online síncronas e das aulas assíncronas, porém o investimento em capacitação de professores e em tecnologia será fundamental para que os professores possam desenvolver materiais que facilitem a aprendizagem de crianças, jovens, adultos e idosos. A qualidade do material é de suma importância nas aulas online, porque se a qualidade de imagem e áudio for precária, o estudante poderá perder ainda mais a motivação, o que irá conduzir a uma aprendizagem não satisfatória.

Em aulas online síncronas de música, além da melhoria do sinal de internet e do uso de *softwares* que não geram atraso entre imagem e som, é também necessário que sejam utilizadas as TICs pelos professores de forma adequada.

Em aulas assíncronas, de acordo com o relato dos estudantes, a informação deve ser mais objetiva, pois os vídeos muito longos distraem sua atenção. Por isso, as aulas necessitam de uma informação mais concisa para permitir que os estudantes interajam com o material de forma mais agradável.

Nas aulas online o estudante tem uma maior autonomia de aprendizagem diferente das aulas presenciais, porém, em caso de dúvida, o estudante dependerá do momento em que o professor ou o tutor possa respondê-lo, o que exige uma preparação diferente na construção desses conteúdos por parte dos professores e um ritmo de aprendizagem diferente por parte dos estudantes.

Pode-se inferir que parte dos problemas relatados por estudantes de música durante a pandemia, no que se refere a aspectos pedagógicos, diz respeito ao excesso de aulas e ao uso de telas, o que acaba causando fadiga e, somado a problemas sociais e financeiros, pode diminuir a motivação dos estudantes, influenciando na sua percepção a respeito de aulas online síncronas e aulas assíncronas.

Conhecer a percepção de estudantes de música, por meio de diferentes autores, assim como ouvir a percepção dos estudantes-voluntários que participaram da entrevista desse trabalho, ajudou a expandir minha visão das possibilidades das aulas online, além das habilidades que devo aprimorar no meu planejamento pedagógico.

Por fim, quanto à relação entre as aulas presenciais e as aulas online síncronas e aulas assíncronas, a pesquisa mostrou que cada formato possui características e funções distintas e a forma de aprender varia de acordo com o perfil do aluno. De acordo com as entrevistas não há um formato que seja mais ou menos eficaz, pois os estudantes-voluntários tiraram proveito de todos os formatos. Essa pesquisa pode ser realizada com um número maior de alunos, ou com professores, para saber como realizaram suas aulas online.

Na elaboração das minhas aulas, o trabalho desenvolvido de forma conjunta com a professora e os outros estudantes da disciplina de estágio supervisionado 2 vai ao encontro de Gohn (2020) porque essa troca e compartilhamento de experiências foram de suma importância para conhecer os aplicativos, os sites e os recursos tecnológicos que foram utilizados nas aulas online síncronas e nas aulas assíncronas.

Referências

BREDARIOLI, Claudia Maria Moraes. Do ensino remoto emergencial à educação digital em rede por meio de metodologias ativas na pandemia. In: **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – VIRTUAL – 1º a 10/12/2020.

CRUZ, Maria do Rosário Alves; LEITE, Jevison Cesário Santa. Educação musical durante a pandemia da covid 19 em 2020: um relato de experiência. In: **Revista Cocar:** Programa de Pós-Graduação em Educação Universidade do Estado do Pará Belém-Pará- Brasil V.15, p.1-20, N.32/2021.

CUNHA, Leonardo Ferreira Farias da; SILVA, Alcineia de Souza; SILVA, Aurênio Pereira da. O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação. In: **Revista Com Censo**: Estudos Educacionais do Distrito Federal, Brasília, v. 7, n. 3, p. 27-37, ago. 2020.

DOMINGUES, Glauber Resende. Ideias para adiar o fim do mundo: a Música num projeto interdisciplinar em contexto de ensino remoto durante a pandemia de COVID 19. In: **XII Encontro Regional Sudeste da Associação Brasileira de Educação Musical**, ABEM, 9-20 nov. 2020.

FILHO, Sérgio Alexandre de Almeida Aires; SANTOS, Carla Pereira; MARINHO, Vanildo Mousinho. Ensino coletivo remoto de violão: desafios e (re)invenções pedagógicas durante o período da pandemia do COVID-19. In: **XV Encontro Regional Nordeste da Associação Brasileira de Educação Musical**, ABEM, 9-20 nov. 2020.

GIORNO, Leonardo; ROSA, Bruna. Ensino remoto emergencial em tempos de pandemia: a percepção de alunos do ensino médio e técnico integrado no uso do ambiente virtual de aprendizagem. In: **CIET**. Congresso Internacional de Educação e Tecnologia. EnPED. Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância. 24/08 a 28/08 de 2020.

GOHN, Daniel Marcondes. Aulas On-Line de Instrumentos Musicais: Novo Paradigma em Tempos de Pandemia. In: ***Rev. Tulha*, Ribeirão Preto**, v. 6, n. 2, pp. 152-171, jul.–dez. 2020.

LARRUSCAIN, Edilacir dos Santos; LOURO, Ana Lúcia. Experiências de professores de música na pandemia: narrativas sobre espaços públicos e privados. In: **Revista da Funarte**, Poéticas do Isolamento, Experiências em arte e educação em tempos de pandemia, ano 21, número 44, março de 2020.

MAGNAGNAGNO, Cleber Cicero; RAMOS, Monica Parente; OLIVEIRA, Lucila Maria Pesce de. Estudo sobre o Uso do Moodle em Cursos de Especialização a Distância da Unifesp. In: **Revista Brasileira de Educação Médica**, 39 (4) : 507-516; 2015.

MATOS, Ronaldo Aparecido. Possibilidades de ensino remoto de música na educação básica pautadas no material Música Br. In: **Música na Educação Básica**, v. 10, n. 12, 2020.

MUGNOL, Marcio. O processo regulatório da educação superior a distância no Brasil. In: **EccoS – Rev. Cient.**, São Paulo, n. 40, p. 33-48, mai./ago. 2016.

OLIVEIRA-TORRES, Fernanda de Assis. **Pedagogia Musical Online**: um estudo de caso no ensino superior de música a distância. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2012. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

PESSATTO, Rusilei Luzia da Costa; NOGUEIRA, Patricia Simone; VELOSO, Tereza Christina Mertens Aguiar. A EAD e as políticas educacionais: principais discussões e marcos legais. In: **III Seminário de educação a distância** - Diálogos sobre EaD e uso das TDIC na educação: regulamentação em tempos recentes, Brasília-DF, 3-6 nov. 2020, online.

QUINTANA, Alexandre Costa; FERNANDES, Vera Lucia Pinheiro. Percepção do estudante de educação técnica a distância de nível médio sobre a realização das tarefas avaliadas no ambiente virtual. In: **RIED**, v. 17: 2, Universidade Federal do Rio Grande (FURG), 2014, pp 127-150.

QUEIROZ, Dora Utermohl de. Aulas online: uma revisão de literatura sobre o ensino e aprendizagem dos instrumentos de cordas friccionadas antes da pandemia da Covid-19. In: **Anais da II Conferência Nacional do Encontro de Cordas Flausino Valle: ensino coletivo, pedagogia e performance**. 2020.

RONDINI, Carina Alexandra; PEDRO, Ketilin Mayra; DUARTE, Cláudia dos Santos. Pandemia da COVID-19 e o ensino remoto emergencial: mudanças na prática pedagógica. In: **Cenários escolares em tempo de COVID-19** – na/pós quarentena. Número Temático – vol. 10, n. 1, 2020.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. **A Entrevista na Pesquisa Qualitativa**: Mecanismos para Validação dos Resultados. 2ª edição. São Paulo: Autêntica, 2017.

SAKAMOTO, Cleusa Kazue; SILVEIRA, Isabel Orestes. **Como Fazer projetos de Iniciação Científica**. São Paulo: Paulus, 2014.

SALDANHA, Luis Cláudio Dallier. O discurso do ensino remoto durante a pandemia de COVID-19. In: **Revista Educação e Cultura Contemporânea, PPGE/UNESA. Rio de Janeiro** Volume 17, número 50, 2020.

SANTIAGO, Pedro Ricardo Bücker. **O uso das redes sociais por estudantes de graduação em música**: um estudo sobre as práticas. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2021. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2021.

SOUZA, Euridiana Silva. Reflexões sobre os impactos da pandemia no desenvolvimento profissional de professores de música. In: **XII Encontro Regional Sudeste da Associação Brasileira de Educação Musical**, ABEM, 9-20 nov. 2020.

SZYMANSKI, Heloisa. Entrevista reflexiva: um olhar psicológico para a entrevista em pesquisa. In: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados PUC-SP**, n. 10/11, 2000.

TAVARES, Felipe Rangel. “O professor tá on! E a turma?”. Educação mediada por tecnologias digitais e a percepção de alunos do Ensino Médio sobre o ensino remoto durante a pandemia da COVID-19. In: **Revista Tecnologias na Educação**, Ano 12 -Vol.34 - Dezembro/2020.

VASCONCELLOS, Renato de. **A partitura cifrada e os descaminhos dos “fake books”**. Campinas, SP: UNICAMP, 2017. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, 2017.

APÊNDICE A – Roteiro das entrevistas estruturadas

1. Como aprendeu a tocar piano?
2. Há quanto tempo estuda piano?
3. E aulas online, você já tinha tido alguma experiência com aulas online? Como eram?
4. Você já estudava piano antes da pandemia?
5. No caso das aulas de piano online, nós temos dois tipos de aulas: síncrona e assíncrona. Qual a diferença das aulas já gravadas (assíncronas) que eu envio como material e das que eu estou presente online (síncronas)? Como funciona uma e outra para você?
6. Como tem sido a interação com o professor? Dá para entender bem o que professor quer? Qual parte é mais clara e o que você acha mais difícil de entender?
7. Sobre os materiais, o que você achou? O que fica bom para aprender?
8. Como você usa o material que eu envio? Ouve tudo de uma vez? Vai vendo aos poucos? Volta o vídeo?
9. Qual parte do material enviado você gosta mais? Por quê? Pode dar exemplo de que parte da aula fica mais clara?
10. Você acha que dá para aprender a tocar piano, mesmo com aulas a distância? O que, para você, funciona bem ou até melhor que no presencial?
11. Você teria alguma coisa mais para falar que eu não perguntei? Uma ideia, uma sugestão? Quer acrescentar algo?

APÊNDICE B – Roteiro da entrevista semiestruturada

Entrevista 2 do Jorge – Sexta 14/05

1) Teve alguma coisa da primeira entrevista que eu não perguntei ou algo que você queira complementar?

2) Sim. Já é um bom gancho pra gente começar a entrevista porque eu queria te perguntar o seguinte: na sua opinião qual é a função do professor no modelo presencial, depois no modelo, vou usar simultâneo e não simultâneo porque às vezes pode confundir síncrono ou assíncrono.Então qual seria a função, na sua opinião, do professor no formato presencial, no formato simultâneo e no formato não-simultâneo?

3) A função do professor, a função dele na sua aprendizagem?

4) Certo. Meio que mesclando essas três formas de ensinar: presencial, síncrono e assíncrono há diferença na forma como o professor ensina? Ou se relaciona nas três possibilidades? Quando você compara as formas que eu dava aula presencial, aula síncrona e aula assíncrona você vê alguma diferença na forma de ensinar? Você vê alguma coisa que se relacionava uma com a outra? Ou eram muito diferentes?

5) Na parte prática da aula na minha forma de ensinar, naqueles vídeos, você acha que é melhor quando eu falo a informação ou quando eu mostro alguma imagem da música ou quando eu pergunto? Qual é a parte que fica mais clara ou menos clara? Qual a parte que você acha mais ou menos interessante? Vamos de pontos positivos digamos assim o que você acha?

6) Isso. Por exemplo: no assíncrono a gente tinha a estrutura de apresentar uma imagem, depois vinha a música, como fazer. No síncrono não a gente começa a aula eu escrevo as coisas, você anota tem apostila né? Então você vê semelhanças diferenças? O que você acha mais claro na hora de aprender?

7) Certo. Eu vou tentar te enviar um vídeo agora de um dos formatos que a gente fez no assíncrono e aí eu quero que você me fale mais ou menos quais eram os pontos fortes dos vídeos assíncronos. Como que você costumava estudar eles.

8) (Execução do vídeo das aulas do curso assíncrono)

9) Certo. Então na entrevista anterior você comentou que os materiais eram um ponto forte né? Então vendos esses materiais quais são os pontos fortes que você conseguiria citar?

10) E você comentou que aprende vai e volta que você assiste o vídeo num todo e depois você volta um trecho ou outro. Você pararia na hora da explicação? Ou já na execução? Como é que você faria isso na sua atividade de estudar. Você falou que vê o vídeo todo, para, volta e tal. Como é que seria essas etapas aí do vídeo que você viu de uma maneira geral?

11) Entendi. E como que você chega a conclusão que aquilo que você praticou ficou bom? É tocando junto com o vídeo? É sozinho? Você vê a fluidez? Porque eu não estou presencialmente com você. Quando que você fala “caramba! Isso aqui ficou bom!”

12) É mais ou menos isso. Você faz, refaz e aí às vezes enquanto você está fazendo você não percebe que tem um detalhe o outro, mas aí quando você ouve aí você percebe né? Que precisa aprimorar

13) Os playbacks que eu te mandava, porque tinha a parte da aula do vídeo, mas tinha o material de apoio que eram playbacks, coisas assim pra você tocar junto. Você acha que esse playback tinha uma função meio quede tocar em grupo? Te motivava também?

14) E, por exemplo, no formato assíncrono você não pode tirar a dúvida na hora. De uma certa forma você até poderia procurar na internet se você tem algum tipo de dúvida, mas como que você fazia para resolver isso? Você procurava na internet ou guardava a dúvida e tirava comigo? Como que era o processo quando surgia uma dúvida no momento de absrover um conteúdo?

15) Nessas aulas que eu mandava geralmente a duração média era de 3 minutos de a aula como a gente acabou de ver agora, eu acho que tem 3m30s. Você acredita que o tempo de duração da explicação do vídeo também é um fator que pode motivar ou não? O tempo da fala?

16) Na questão da ordem de apresentação dos conteúdos porque pode ser um vídeo que começa falando da história do instrumento, como é a posição da mão, da técnica e depois da parte de executar ou um vídeo que já começa com a execução ou a explicação, se você pudesse fazer uma sugestão de como seria uma video aula como é que você acredita que seria assim numa video aula de 3 minutos você dividiria em quantos tópicos? Quanto tempo de fala? Quanto tempo de vídeo? Se você pudesse propor ao professor como é que seria essa divisão de assuntos e ordem na divisão dos temas?

17) Pelo o que eu entendi, você me corrija se eu falei de uma maneira que você não propôs então seria alguma coisa de introdução bem rápida, a parte explicativa e depois o resultado final já?

18) Você acredita que nesse vídeo que eu fiz, por exemplo, do assíncrono faltou essa parte de aonde quer chegar? Porque a divisão de tempo tá bem próxima.

19) Entendi. Tem mais algum ponto que você queira colocar? Mais alguma coisa?

APÊNDICE C – Carta de Cessão de Direito

Eu _____, carteira de identidade no._____, declaro, para os devidos fins, que cedo os direitos de minha entrevista gravada no dia _____, transcritas e revisadas por mim, para Douglas de Oliveira Silva, matrícula UnB no. 16/0118131 e carteira de identidade 2.271.297, podendo ser usadas integral ou parcialmente para o Trabalho de Conclusão de Curso - TCC ou para publicações científicas derivadas do presente trabalho. Da mesma forma, autorizo o uso das citações, desde que minha identidade seja mantida em sigilo.

Fui devidamente informado(a) que esta entrevista irá colaborar com o trabalho, cujo título é "Percepção de Alunos Sobre Aulas Online de Piano Popular", e tem como objetivo compreender como os alunos que tiveram aula online síncrona e online assíncrona de piano popular percebem suas formas de aprender nesse contexto.

Data:

Assinatura

_____